

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES**

FRANCIELE DE ALMEIDA DE OLIVEIRA

**AS SENEGALESAS:
A TRAJETÓRIA DE MULHERES AFRICANAS MUÇULMANAS NA
SERRA GAÚCHA**

CAXIAS DO SUL - RS

2019

FRANCIELE DE ALMEIDA DE OLIVEIRA

**AS SENEGALESAS:
A TRAJETÓRIA DE MULHERES AFRICANAS MUÇULMANAS NA SERRA
GAÚCHA**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade de Caxias do Sul como parte dos requisitos necessários para obtenção de aprovação de conclusão do curso de Licenciatura em História.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Cristine Fortes Lia

CAXIAS DO SUL - RS

2019

FRANCIELE DE ALMEIDA DE OLIVEIRA

**AS SENEGALESAS:
A TRAJETÓRIA DE MULHERES AFRICANAS MUÇULMANAS NA SERRA
GAÚCHA**

Trabalho de conclusão de curso submetido à
Universidade de Caxias do Sul como parte dos
requisitos necessários para obtenção de
aprovação de conclusão do curso de
Licenciatura em História.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Cristine Fortes Lia

Aprovado em: 05/12/2019

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Cristine Fortes Lia

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof.^a M.^a Eliane Machado Correa Cardoso

Universidade de Caxias do Sul - UCS

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à comunidade senegalesa de Caxias do Sul-RS por acolher minha pesquisa, pela receptividade e gentileza de sempre. Principalmente a Fatou Sokhna, Fatou Diallo, Mariama Babji e Demba Sokhna, pela acolhida e auxílio em todo o trabalho. Mesmo que a imigração seja um processo complexo, essas pessoas têm sempre consigo seu sorriso e generosidade.

Agradeço à minha orientadora Cristine Fortes Lia, por todo o ensinamento nesses quatro anos de curso, como bolsista de pesquisa, aluna e orientanda. Pelas conversas, apoio e carinho de sempre. Por acreditar em mim e pelas experiências que pude ter na pesquisa, isso foi essencial pro meu desenvolvimento acadêmico e humano. O mundo é um lugar melhor por existirem pessoas como você Cris, ao menos, o meu mundo e o mundo dos gatos...

Gratidão a minha família, por me apresentar as diversas realidades possíveis com as mais diferentes histórias de vida. Por alimentarem minha constante curiosidade desde pequena. Aos meus pais, pelo incentivo, afeto e paciência, principalmente por aturarem as minhas palestras diárias sobre minhas aprendizagens novas. Ao meu irmão, dinda, afilhadas e sobrinho, que são presentes na minha vida.

Aos amigos, pela amizade e apoio em todo o período da graduação. A Gustavo Raasch, por topar minhas ideias, pela escuta atenta e pelo afeto. A Adriana Pereira e Luan Moraes, por serem os melhores amigos que eu poderia ter.

*A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa,
Como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo.
Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali...
Chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando!*

Mário Quintana

RESUMO

A partir de 2010, a cidade de Caxias do Sul-RS recebeu imigrantes vindos do Senegal em busca de melhores condições de vida. Neste grupo predominantemente jovem e masculino, as senegalesas ocupam papéis específicos dentro da comunidade, enquanto mulheres, mães e muçulmanas. Este estudo, realizado a partir da história oral de vida das imigrantes, isto é, a partir das narrativas das senegalesas, tem como objetivo analisar o lugar que estas mulheres ocupam dentro deste grupo migrante. O estudo também compreende as adaptações e relações que estes sujeitos sociais estabeleceram com a cidade, e como foi a sua recepção pelos caxienses.

Palavras-chave: Islã. Senegal. Senegalesas. Caxias do Sul. Mulheres.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Babacar Queye.....	20
Imagem 2 - Fatou Sokhna.....	32
Imagem 3 - Fatou Diallo.....	36
Imagem 4 - Mariama Babji.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 DA TERRA DA TERANGA AO BRASIL.....	12
2.1 IMIGRAÇÃO SENEGALESA EM CAXIAS DO SUL.....	14
2.2 NARRATIVAS DA IMIGRAÇÃO.....	20
2.3 MULHERES AFRICANAS.....	24
3 A TRAJETÓRIA DE MULHERES AFRICANAS MUÇULMANAS EM CAXIAS DO SUL.....	30
3.1 FATOU SOKHNA.....	32
3.2 FATOU DIALLO.....	36
3.3 MARIAMA BABJI.....	41
3.4 O ISLÃ E A MULHER SENEGALESA.....	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
5 REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

Em todo o mundo, milhares de pessoas migram do seu local de origem para outros territórios. Entre 2000 e 2016, o índice de imigrações internacionais cresceu 41% (ONU, 2016), ou seja, em 2016 estimava-se que cerca de 244 milhões de pessoas estavam fora do seu local de origem. Metade desses migrantes são mulheres, sendo que nos países desenvolvidos estas ultrapassam numericamente os homens (UNIRC, 2005). A imigração é um tema de importância social. No Brasil, ela ocorre principalmente devido às conformações do modo de produção e as transformações econômicas, sendo decisivas para a estruturação econômica, política e social do país (CARMO; GONÇALVES; HERÉDIA, 2016). A partir de 2010, o Brasil recebeu imigrantes vindos do Senegal, que migraram em busca de trabalho e/ou um melhor padrão de vida, o que pode ser considerado como uma imigração forçada. Segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), desde 2016, o Senegal aparece como o segundo país com maior solicitação de refúgio, foram registrados 7.206 pedidos entre 2006 e 2010. De acordo com os registros do Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), Caxias do Sul-RS recebeu 1.856 senegaleses entre 2010 e 2014.

Caxias do Sul é idealizada como uma cidade formada historicamente por imigrantes europeus, católicos e brancos. Diferente destes fluxos migratórios anteriores, os senegaleses são africanos, muçulmanos e negros, o que gerou certa resistência e desconfiança da população quanto a sua presença nos primeiros anos (COSTA, LIA, 2018). Dentro desse grupo predominantemente masculino, as senegalesas ocupam um papel específico, como mulheres, muçulmanas e imigrantes. De modo geral, elas recebem pouco ou nenhum espaço de estudo e destaque nas produções acadêmicas, sendo desconsideradas as especificidades de suas condições dentro do próprio grupo.

A fonte oral e a historiografia são os recursos utilizados para analisar a partir das narrativas das senegalesas, o lugar que elas ocupam dentro do grupo migrante em Caxias do Sul, enquanto mulheres e muçulmanas. Também se procura compreender as adaptações e relações que estes sujeitos sociais estabeleceram com a cidade, atentando para como foi a sua recepção pelos caxienses. Em se tratando de migrantes, a fonte oral é o meio mais utilizado nas pesquisas sobre o tema no Brasil (MAGALHÃES, 2017). Além de preservar as histórias e as experiências de vida destas mulheres através da história oral, participar e conduzir as

narrativas realizadas sobre este grupo social na cidade é uma demanda social da própria comunidade senegalesa (LIA, OLIVEIRA, 2018).

Para esta pesquisa, optou-se por utilizar a história oral de vida, como estratégia de aproximação e fluência na entrevista. O roteiro semiestruturado utilizado está organizado em eixos temáticos que vão desde a infância das senegalesas, ao processo migratório, as questões religiosas e aos planos para o futuro. Foram entrevistadas 3 senegalesas para a pesquisa. Também utiliza-se uma entrevista realizada em 2018, enquanto bolsista de pesquisa do projeto Fontes II. O contato com as senegalesas foi realizado por meio de uma das lideranças da comunidade em Caxias do Sul, que fez a primeira indicação de quem poderia ser entrevistada. Além do elemento religioso como fator de coesão social, a comunidade senegalesa possui lideranças que organizam e amparam a comunidade migrante. As demais entrevistas ocorreram por meio da indicação das senegalesas e pessoas do Centro de Atendimento ao Migrante. Ao todo são cerca de 3 horas de entrevistas, muitas conversas na loja Demba África, observações em ambientes de trabalho das entrevistadas e participação em um casamento.

A mulher africana tem papéis e funções sociais diferentes dos que podem ser encontrados na tradição ocidental. O gênero é uma *construção sociocultural* (Oyěwùmí, 2004), portanto deve ser pensado a partir do próprio grupo analisado. Os gêneros ocidentais apresentam uma dicotomia binária entre feminino/masculino. Já na África, existem sociedades não generificadas e não nominais, como os Iorubás. Para Oyěwùmí (2004, p. 8),

Quando realidades africanas são interpretadas com base nessas alegações ocidentais, o que encontramos são distorções, mistificações linguísticas e muitas vezes uma total falta de compreensão, devido à incomensurabilidade das categorias e instituições sociais.

Enquanto muçulmanas, o Islã também tem um papel fundamental na base moral dessas mulheres, bem como na definição do lugar que elas ocupam. Segundo Demant (2015, p. 148), a religião “tem posições e compromissos explícitos sobre a posição e o papel da mulher na sociedade”. Sobre estas senegalesas e muçulmanas pouco se conhece ou se tem acesso no Brasil.

A comunidade senegalesa se estabeleceu na cidade de Caxias do Sul e passou a compor a sociedade caxiense, por isso é preciso conhecer a história dessas mulheres enquanto sujeitos históricos e sociais. Como parte deste estudo e do projeto Fontes II (UCS), foi

produzido um vídeo disponível no YouTube¹ intitulado “As Senegalesas”, sobre as mulheres senegalesas e muçulmanas na cidade de Caxias do Sul. Esse vídeo é uma ferramenta didática e um produto cultural que tem como objetivo possibilitar a visibilidade e reconhecimento das mulheres senegalesas em Caxias do Sul, contribuindo para a valorização das senegalesas e para o registro histórico desta comunidade étnica na cidade.

No capítulo dois, isto é, “Da Terra da Teranga ao Brasil”, são discutidos conceitos centrais, como a dimensão do imigrante, história oral, religião, homogeneidade branca europeia e gênero na África. Também serão contextualizados os cenários internacionais das imigrações para o Brasil, estabelecendo a relação entre Brasil e Senegal, a motivação das imigrações senegalesas e o cenário local caxiense. Além disso, este capítulo apresenta uma discussão sobre o gênero na África e a dimensão do feminino no continente, a partir de uma revisão bibliográfica interdisciplinar.

Intitulado “A trajetória de mulheres africanas em Caxias do Sul”, o terceiro capítulo apresenta a análise das entrevistas, bem como discute brevemente sobre as migrações femininas na atualidade. Nos subtítulos do capítulo podem ser encontradas breves biografias de cada uma das entrevistadas e a análise das narrativas a partir dos objetivos estabelecidos.

Há diversos estudos sobre as mulheres imigrantes italianas e europeias dos fluxos migratórios do século XIX e XX. Agora também é preciso construir e preservar a memória das mulheres imigrantes do Senegal em Caxias do Sul, representando os fluxos migratórios ocorridos no século XXI.

¹ Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Kl3KHn2dVYc>

2 DA TERRA DA TERANGA AO BRASIL

Em um *mundo em movimento* (MELLO, TEDESCO, 2015), milhares de pessoas transpõem fronteiras nacionais e se deslocam pelo espaço. Muitas dessas pessoas são imigrantes que se movimentam por motivos políticos, econômicos, sociais e/ou culturais. Em 2017, 3,4% da população mundial era de imigrantes internacionais, segundo o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA). De acordo com António Guterres (2017, p.1) “a cada dois segundos, uma pessoa torna-se deslocada. A maioria nos países mais pobres do mundo.”

Com a globalização e com o desenvolvimento técnico e científico do final do século XIX e XX, houve um aumento dos deslocamentos populacionais. As desigualdades e o empobrecimento de algumas regiões, a mundialização financeira, as perseguições, os conflitos locais e as políticas neoliberais de consumo também contribuíram para isso. Aproximadamente 74% dos migrantes estão em idade ativa de trabalho, superando a população local em algumas regiões (GUTERRES, 2017). A questão migratória tem se tornado um dos *amortizadores da economia globalizada* (MELLO, TEDESCO, 2015, p. 39). Ao mesmo tempo em que as fronteiras são estreitadas, a economia capitalista globalizada produz desigualdades entre os países. Além disso, ela necessita de mão de obra barata e não burocratizada nos países desenvolvidos, que são os polos de atração dos migrantes (MELLO, TEDESCO, 2015). Os Estados Unidos da América e os países da Europa foram os que mais receberam imigrantes em 2017², junto com a Arábia Saudita e a Rússia, segundo o Portal de Dados Mundiais sobre a Imigração.

O imigrante tem *uma representação simbólico-social e de experiência de vida* (MELLO, TEDESCO, 2015). Ele é um sujeito social e político que se movimenta, levando consigo suas experiências e modos de vida a outro local. Os imigrantes pobres deixam suas famílias ou lares, pois seu lugar de origem *não lhes possibilita trabalho e vida digna* (MELLO, TEDESCO, 2015). A motivação da imigração é buscar melhorar as condições de vida. Esse processo envolve a dimensão individual, *micropolítica* (MELLO, TEDESCO, 2015), a sua subjetividade, a família, seus laços, as motivações da migração. Também envolve a “macropolítica, constituída pelo mercado de trabalho, pelo sistema público e financeiro que

² Os países que mais receberam imigrantes foram os EUA, com 49,9 milhões de pessoas, e Alemanha, com 11,6 milhões de pessoas.

normatiza e se alimenta no interior do progresso” (MELLO, TEDESCO, 2015, p. 63). É um processo influenciado ou determinado pela dinâmica mundial político-econômica, que movimenta também subjetividades e vivências individuais através do direito de mobilidade (artigo 13º da Declaração Universal dos Direitos Humanos-DUDH)³.

O Brasil é um país historicamente constituído por diferentes fluxos migratórios que compõem a sociedade brasileira atual. Para Heredia e Pandolfi (p. 95, 2015), “A própria identidade da nação brasileira é um produto da mobilidade internacional de diferentes povos”. A formação cultural do Brasil é um grande mosaico de contribuições de diversos povos em diferentes tempos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 o Brasil recebeu 268,5 mil imigrantes internacionais, 86,7% a mais que em 2000 (quando o país recebeu 143,6 mil imigrantes internacionais).

O Senegal, país da costa africana ocidental, também tem sua história ligada aos fluxos migratórios internacionais. As caravanas muçulmanas, a exploração portuguesa e a colonização francesa são exemplos desses séculos de convívio com o estrangeiro. O movimento migratório senegalês inicia durante a Primeira Guerra Mundial, através do envio de soldados à Europa, e se intensifica na década de 80, com a crise econômica internacional (SAKHO, DIOP, MBOUP, DIADIOU, 2015). Para Rangel (2015, p. 68), “a migração é uma realidade que faz parte de ambas as histórias, de brasileiros e senegaleses”. Brasil e Senegal são países historicamente marcados pela migração. Nos anos 2000, esses países começam a se relacionar. Este fenômeno ocorre de forma mais intensa a partir de 2012, quando começa a imigração de senegaleses ao Brasil (SAKHO, DIOP, MBOUP, DIADIOU, 2015).

A República do Senegal tem uma população de 14,67 milhões de pessoas (2014)⁴, de maioria jovem e muçulmana. Herédia (2014) afirma que “Quase 90% da população é de jovens, porque os velhos morreram, principalmente, em conflitos”. Em 2017, foram registrados 1.221 pedidos de refúgio no Brasil por parte dos senegaleses, sendo que estes representam 13% das solicitações em trâmite, segundo o Ministério da Justiça. Para Herédia (2015), *o trabalho é o motor* da imigração senegalesa, pois estes deixam suas famílias em seu país. Em outras palavras, pode-se dizer que “A busca de recursos em países estrangeiros é

³ DUDH adotada em 10 de dezembro de 1948. Artigo 13º: 1. Todo ser humano tem direito à liberdade de movimento e residência dentro das fronteiras de cada Estado; 2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

⁴ Embaixada Portuguesa no Senegal: Ministério dos Negócios Estrangeiros.

uma possibilidade para garantir a sobrevivência do grupo familiar” (HERÉDIA, 2015, p. 108). Em uma das entrevistas realizadas⁵, Fatou Sokhna comenta:

Eu nunca pensava na minha vida que eu fosse sair da minha terra para vir na outra país pra fazer qualquer coisa, nunca imaginei, nunca pensava, nunca passava na minha cabeça. Mas um dia meu marido falou que eu vou lá no Brasil, eu conversei com ele porque ele queria ir, tu teve trabalho a gente teve as coisas né para viver lá. Mas ele falou pra mim eu vou viajar porque eu ouvi que ele fala que ganha mais que aqui⁶.

Alguns pesquisadores apontam a importância das relações de comércio do abate Halal, atraindo imigrantes muçulmanos para o Brasil (GUILHERME, 2017). Considerando que o Islã é a religião que mais se expande no mundo (DEMANT, 2015), o mercado de abate Halal também tende a crescer. Segundo a Alimentos Halal no Brasil (Divisão Halal do Centro Islâmico no Brasil, 2019):

[...] O alimento pode influenciar a alma, comportamento, saúde moral e física do ser humano, o Islam tornou obrigatório que os muçulmanos se preocupem em conhecer a origem daquilo que consomem. Sendo assim, o Islam nos orienta a verificar se aquilo que consumimos está em conformidade com as regras religiosas ou não.

O Islã é a segunda maior religião no mundo e a que mais cresce, com 1,6 milhões de fiéis. Segundo o Centro de Pesquisas Pew (CPP), dos Estados Unidos, estima-se que em 2050 a população muçulmana mundial suba de 23% (2010) para 30%, aproximando-se da cristã.

2.1 IMIGRAÇÃO SENEGALESA EM CAXIAS DO SUL

Caxias do Sul, cidade da serra gaúcha, foi historicamente constituída enquanto município no final do século XIX, por imigrantes europeus, principalmente italianos. Anteriormente, a região era habitada por povos indígenas e tropeiros, sendo conhecida como Campo dos Bugres. O município foi fundado oficialmente em 1890, sendo a maioria da população de agricultores e pequenos comerciantes, que investiram no cultivo da uva e do vinho (PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL, 2019).

A partir de 1970, resgatou-se a memória histórica desta imigração e a noção de italianidade começou a se constituir na cidade de Caxias do Sul (SLOMP, 1994). Este resgate na memória histórica da cidade *trouxe consigo um sentimento de identificação e de pertencimento grupal* (MOCELLIN, 2007, p. 188) que vem sendo reforçado nos espaços de

⁵ A comunidade senegalesa tem como língua oficial o Wolof e o Francês.

⁶ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

memória histórica da cidade⁷. Essa noção não era presente nos primeiros imigrantes. Heredia (2015) ressalta que “Três agentes ajudaram a fomentar esse sentimento na década de 1970: os intelectuais, a Igreja e os empresários. Eles viriam a ter papel fundamental na manutenção do mito do italiano, que não estava lá no início”. É na década de 70, com a exaltação da contribuição dos imigrantes italianos na cidade, que essa noção é constituída. Segundo Mocellin (2008, p. 94),

A década de 1970, momento a partir do qual se iniciou uma produção significativa sobre o tema da imigração italiana, caracterizou-se pelos estudos de cunho científico em oposição àqueles, até então, realizados por escritores, historiadores e cronistas, que tinham o propósito de exaltar a contribuição da etnia italiana no Estado, e se encontravam publicados em enciclopédias e álbuns comemorativos.

Outras comunidades estrangeiras se fixaram na região na década de 80, como a japonesa⁸, a libanesa, a palestina e a síria, mas não são reconhecidas pela sociedade. Conforme Lia e Costa (2018, p. 186), “estes, raramente correspondiam à ideia de imigrante ideal, seja pela etnicidade, cultura religiosa ou forma de trabalho”. Com a presença palestina na região, o Islã chega à Serra Gaúcha, mesmo que suas práticas fiquem restritas a espaços privados, isto é, não chamem a atenção da sociedade local (COSTA; LIA, 2018).

A noção e a construção simbólica de Caxias do Sul como uma cidade de imigrantes italianos, brancos e católicos deu-se pelo interesse e pela articulação de empresários e intelectuais na promoção deste grupo étnico. Para Mocellin (2008, p. 190), “Tais ideias e simbologias se apresentaram, em alguns casos, sob a forma de representações dominantes de uma sociedade, tal como a representação do trabalho como forma de distinção étnica, ou a que associava o imigrante a um herói civilizador”.

A comunidade senegalesa chegou a Caxias do Sul a partir de 2010, em busca de trabalho e melhores condições de vida, sendo atraídos pelo desenvolvimento industrial e do setor terciário da cidade:

⁷ Museu Ambiência Casa de Pedra: construída em 1913 pelo italiano Giuseppe Lucchese, preserva a memória local das casas italianas do final do século XIX. Museu da Uva e do Vinho: símbolo da vitivinicultura e da identidade cultural dos imigrantes italianos. Museu Municipal: instalado em 1974, na véspera do Centenário da Imigração Europeia, o museu municipal preserva a memória histórica das imigrações em Caxias do Sul. Monumento Nacional ao Imigrante: homenagem aos imigrantes da cidade, registrado no monumento a data de 1875, representando a chegada dos imigrantes italianos. Memorial Atelier Zambelli: espaço destinado à valorização dos saberes artísticos da família italiana Zambelli.

⁸ Fonte: Jornal Pioneiro, p. 6, 12 de janeiro de 1980. Matéria: A foto e o fato. Consultado no Instituto de Memória Histórica e Cultural (IMHC). A matéria que ocupa um espaço pequeno no jornal, fala sobre a colônia japonesa na cidade de Caxias do Sul. Na época, a comunidade tinha mais de 70 famílias que contavam com uma sede no centro da cidade, onde se reuniam.

Além de ser uma cidade, considerada desde a década de 70, como um dos principais polos industriais do Estado do Rio Grande do Sul, possui serviços que permitem vê-la também como um polo do setor terciário da região. A cidade sempre foi divulgada positivamente pela mídia impressa, e a forte publicidade é um fator de atração para aqueles que precisam escolher um novo destino. É importante acrescentar também que, nas últimas décadas, alguns fluxos migratórios têm preferido cidades médias em relação às regiões metropolitanas. (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015, p. 97)

Estes imigrantes são em sua maioria homens, jovens, solteiros e com família no Senegal (HERÉDIA, PANDOLFI, 2015). Contrariando o imaginário da região, estes imigrantes são africanos, negros e muçulmanos. Os senegaleses “destoam do projeto colonizador da região que, no século XIX, promoveu a matriz europeia, branca e católica” (COSTA; LIA, 2016, p. 243). Esse fenômeno também ocorre em outras regiões sul-americanas. Na Argentina, por exemplo, no final do século XIX, imigrantes europeus chegaram ao país, constituindo uma memória que reivindica uma homogeneidade branca-europeia. Segundo a socióloga Kleidermacher:

La sociedad nacional fue el resultado del pánico a la diversidad, la vigilancia cultural pasó por mecanismos institucionales, oficiales, desde ir al colegio todos de blanco hasta prohibir el quechua y el guaraní (lenguas habladas por los pueblos originarios). También fueron muy importantes las estrategias informales de vigilancia: la burla del acento, apagar las huellas del origen como condición de acceso a la ciudadanía. Estas marcas aún permanecen en la sociedad, en sus ansias por lograr la homogeneidad blanca-europea, en su temor a la diversidad y en las clasificaciones raciales que operan en la vida cotidiana. (KLEIDERMACHER, 2017, p. 72)

Caxias do Sul ainda continua sendo uma cidade que se declara como maioria branca. No Censo de 2010 do IBGE, 359.415 mil pessoas se declararam brancas, 58.877 pardas e 15.064 pretas. Entre estas pessoas, 332.101 se declaram católicas apostólicas romanas e apenas 77 pessoas se declararam muçulmanas. Rangel (2015) analisa a presença senegalesa na cidade através da mídia:

A maioria das declarações da população local, entrevistada nas ruas, mostra que o argumento da miscigenação é usado para distinguir o nacionalismo brasileiro é, na verdade, uma forma silenciosa de racismo. A associação feita pelas pessoas é que os migrantes senegaleses e haitianos são negros e pobres, e negros e pobres são sinônimos de desgraça para o Brasil. (RANGEL, 2015, p. 78)

Em 2015, a população divulgava comentários sem fundamentos sobre as práticas senegalesas e muçulmanas. Segundo Costa e Lia (2018, p. 12), “A imprensa potencializa a capacidade destes imigrantes se destinarem às atividades ilícitas e a probabilidade de serem transmissores de epidemias, como o ebola”. Na entrevista realizada com Fatou Diallo, ela fala

de situações de racismo, citando problemas que ocorreram e ainda ocorrem com sua filha, em uma escola pública de Caxias do Sul:

Olha no início não foi, meu filho mais velho sofreu muito daí. A minha filha também às vezes ela vem aqui, mãe, hoje a minha colega me chamou de chocolate ou me chamou de pretinha, eles, mas aqui é assim não tem, é só falar pra prof. daí, tu vai reclamar não adianta, que se os outros não educar os filhos dentro de casa quando sair vão pra escola, do jeito que eles faz dentro de casa eles vão levar a qualquer lugar que eles vão. É, não adianta ficar reclamando toda hora, eu disse pra ela, tu tem que aguentar, tem que aguentar, não tem jeito. Eu às vezes tu vai lá, tu reclama daí né, para um pouco, só da um tempinho dai depois ela vem aqui, mãe hoje minha colega me chamou de pretinha, outro me chamou de chocolate, de caramelo (risada). É cada coisa, mas fazer o que são crianças, né?⁹

A religião muçulmana também constitui outro fator *exótico* na cidade (COSTA; LIA, 2018). Mesmo que a presença muçulmana na serra gaúcha exista desde a década de 80, foi com a imigração senegalesa que ela passou a ganhar destaque público. O Islã sufi¹⁰ praticado pelas senegalesas alia crenças tradicionais africanas que o diferencia do praticado pela comunidade palestina. No Senegal, o Islã chegou através de caravanas comerciais no século VII. Durante a Idade Moderna, com a invasão europeia, a fé islâmica, diferente da religião dos colonizadores, foi uma das formas de resistência, seja ela pacífica, por meio da conversão, ou de manifestações de hostilidade pelos Estados muçulmanos.

De acordo com Mazrui e Wondji (2010, p. 606), o “islã, desenvolveu-se na África, inicialmente, em uma relação simbiótica com a religião tradicional”. Inclusive, algumas comunidades muçulmanas não reconhecem a comunidade senegalesa como muçulmana, pelas práticas de devoção a líderes religiosos¹¹, a flexibilidade das normas do Islã e práticas de sincretismo. Anualmente é realizada em Caxias do Sul a Festa do Magal de Touba da confraria mouride, em homenagem ao líder muçulmano Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké, que lutou durante a colonização francesa pela liberdade religiosa no Senegal. Em sua entrevista, Mariama relata: “Porque esse grande evento, são dois grandes eventos no ano,

⁹ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

¹⁰ Segundo Sardar (2010, p.110-111): “Os sufis representam a tendência mística do islamismo. Ao contrário da maioria de muçulmanos, que acredita que a proximidade com Deus só pode ser alcançada após a morte, os sufis creem que é possível vivenciá-la enquanto se está vivo. [...] Os sufis também acreditam na ‘unidade da verdade’, afirmando que todos os caminhos espirituais levam a um único e mesmo Deus. O sufismo surgiu no início do Islã, como reação ao puritanismo e legalismo árido, estabelecendo-se como um movimento com Hasab al-Basri (+728). Criado por um Umm Salama, uma das esposas do Profeta, ele declarava que os muçulmanos devem buscar ‘doçura’ na oração, na lembrança de Deus e na leitura do Alcorão”.

¹¹ As confrarias muçulmanas no Senegal admitem líderes espirituais, os marabutos. Estas confrarias são um importante elemento de coesão social, fundadas como forma de resistência durante o período do colonialismo francês.

grande assim, fora isso têm outros eventos que ele faz lá na casa do Senetouba [...]”¹².
Conforme Costa e Lia (2018, p. 547):

Por praticarem o sufismo, corrente considerada mística dentro do Islã, com cerimônias religiosas acompanhadas por musicalidade e movimentos corporais, os senegaleses são frequentemente associados às práticas de religiões de matriz africana. Os trajes senegaleses também corroboram nesta associação equivocada.

A religião muçulmana é uma característica importante do grupo migrante, pois tem grande importância na base moral e norteia as ações da comunidade, além de ser o *principal instrumento de integração social* (DEMANT, 2015). O Islã impacta em todas as dimensões da vida do fiel, tal como Demant (2015, p. 35) relata: “O Islã é uma religião (din), com tudo o que este termo implica (crença, ritual, normas, consolação, etc), ao mesmo tempo em que é uma comunidade (umma) e um modo de viver ou tradição (sunna) que regulariza todos os aspectos da vida”. Quando questionada sobre a importância do Islã na sua vida, Fatou Sokhna afirma:

O Islã é muito importante pra mim, porque é uma luz que mostra a caminho certo pra mim. Tem as coisas que não é pra fazer, tem as coisas que não dá, não é pra comer, pra mim é uma coisa muito importante, porque eu sou muçulmana, eu acredito no nosso profeta Muhammed (que a bênção e a paz de Deus estejam sobre ele). Todo muçulmano eu acho, mas a minha parte eu acredito muito na minha religião, porque eu sei que é certo, é caminho certo, eu to no caminho, né.¹³

Outra característica é a ocupação de espaços públicos pelo Islã. Em Caxias do Sul, a praça central Dante Aligheri¹⁴ é um dos espaços públicos de mais visibilidade das manifestações do Islã. Lia e Costa (2018, p. 198) destacam: “As manifestações religiosas muçulmanas estão ligadas às práticas do cotidiano e remetem a uma visualização da comunidade religiosa”. Dentre as práticas do cotidiano estão o uso da túnica tradicional utilizada nas orações¹⁵, que chama a atenção da sociedade local. Para Fatou Diallo:

No início a gente usava nossa roupa aquele roupa que a gente usa né, daí tu passava na rua todo mundo te olhava sabe, agora, agora acho que tá eles tão entendendo

¹² Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

¹³ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

¹⁴ “Conheça mais sobre a fé dos senegaleses que vivem em Caxias”. A matéria destaca a ocupação dos espaços para a prática religiosa e as características do Islã professado pelos senegaleses. Disponível em:

<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2019/07/conheca-mais-sobre-a-fe-dos-senegaleses-que-vivem-em-caxias-10968785.html>

¹⁵ Todo fiel muçulmano tem o dever de cumprir a cinco pilares: 1 Shahada ou testemunho: confissão de fé em Alá, como Deus único, e Muhammad seu profeta. 2 Salat ou oração: cinco orações diárias que os fiéis devem fazer como forma de veneração a Deus. 3 Zakat ou esmola: parcela da renda para fins sociais. 4 Ramadã: mês de comemoração do recebimento do Alcorão, em que os fiéis jejuam (comida e bebida) durante o dia, além de se abster de relações sexuais. 5 - Hajj: peregrinação, ao menos uma vez na vida, à cidade sagrada de Meca.

agora, tão entendendo melhor que antes né, porque agora as pessoas perguntam, de onde que tu veio, qual religião que é, daí tu vai ter que explicar daí, agora tão entendendo mais.¹⁶

A túnica é utilizada pelos senegaleses em Caxias do Sul em momentos que antecedem práticas religiosas ou datas importantes do calendário islâmico, como o Ramadã. O senegalês Babacar Queye no dia da realização da entrevista usava sua túnica no horário de trabalho, após o fim do seu expediente ia para a mesquita no centro da cidade, conforme a foto abaixo:

Imagem 1 – Babacar Queye



Foto: acervo da autora¹⁷

No que diz respeito às práticas do Islã em espaços públicos, não foi registrado nenhum comportamento hostil na cidade, “desde que estas permaneçam restritas para os seus

¹⁶ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

¹⁷ Foto do senegalês Babacar Queye, em entrevista realizada em 07/09/2018, por Franciele de Almeida de Oliveira, no centro de Caxias do Sul, para o projeto Fontes II.

praticantes e não interfiram na rotina da cidade. O que gera uma contradição, já que o Islã é uma religião que precisa ocupar os espaços públicos” (LIA; OLIVEIRA, 2018, p. 56).

2.2 NARRATIVAS DA IMIGRAÇÃO

Para conhecer as trajetórias de vida, as narrativas e as memórias, bem como as questões de gênero e as questões religiosas das mulheres senegalesas em Caxias do Sul, utilizou-se a História oral de vida. Enquanto metodologia e forma de saber, a História oral privilegia o estudo de grupos sociais marginalizados, deslocados ou excluídos, abrangendo o caso das imigrantes senegalesas que, além de imigrantes, são mulheres, negras e muçulmanas. O objeto da História Oral é vivo e presente. Esta é uma das muitas especificidades desta metodologia, como aponta Alberti (1996, p. 1): “Sua peculiaridade $\frac{3}{4}$ é a da história oral como um todo, $\frac{3}{4}$ decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”.

A tradição oral é um traço característico importante na história africana, porém só a partir da metade do século XX por estudos da História cultural que a oralidade ganha espaço dentro dos estudos historiográficos. Por conta da formação histórica da África, a invasão e a exploração dos Estados europeus no continente, os africanos não tiveram uma produção bibliográfica extensiva, sendo analisados a partir da ótica ocidental europeia que afirma a *não historicidade das sociedades africanas* (SARAIVA, 1987). Foi através do advento da história cultural e da história oral, assim como do renascimento cultural africano que essas sociedades ganharam espaço e protagonismo. Nas palavras de Saraiva (1987, p. 16), “esse é o compromisso historiográfico... destruir a falácia que na África não é possível fazer história”.

No Brasil, a fonte oral é a mais utilizada no tema das migrações (MAGALHÃES, 2017). Para conhecer as narrativas das senegalesas, optei por trabalhar com história oral de vida como estratégia de aproximação entre entrevistada e entrevistadora. Este tipo de história oral tem como origem as biografias modernas, tendo a importante contribuição de Christine de Pisan (1365). Holanda e Meidy (2007, p. 36) salientam que “Esse registro é importante porque desloca o olhar masculino e masculinizante que marcou o surgimento do gênero”. Na academia, a história oral de vida passa a ser utilizada no século XX e ligada ao tema das imigrações. W.O. Thomas e F. Znaniecki, na Escola de Sociologia de Chicago, utilizaram a metodologia no estudo da população imigrante polonesa, já que eles não tinham acesso a

documentos escritos (HOLANDA; MEIHY, 2007). Segundo Holanda e Meidy (2007, p. 37) “Em termos sociomoraes, a história oral tem vocação a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social”.

A fonte oral possibilita a construção de uma narrativa a partir da memória, capaz de possibilitar a identificação a partir do discurso, de representações coletivas e sociais. No caso das senegalesas, busca-se dialogar com o subjetivo de cada uma e identificar essas representações. Para Holanda e Meidy (2007, p. 24):

Independente da existência de documentos, para a história oral justifica-se a captação de entrevistas em três situações pontuais, quando: 1 - existem versões diferentes da história oficializada; 2 - se elabora uma “outra história” [...]; 3 - estudos de memória, construção de identidade e formulação de consciência e comunitária.

A memória tem um papel fundamental na construção das narrativas, porque é a partir dela que o relato é constituído. Esta memória também é uma interpretação das várias versões de si, onde o sujeito se ressignifica. Digiampietri (2017, p. 67) ressalta: “O narrador se constrói a si mesmo e as suas memórias todas as vezes que se narra”. Mesmo sendo a memória algo falho e subjetivo, “A memória é, por excelência, seletiva. Guardamos aquilo que, por um motivo ou por outro, tem ou teve algum significado em nossas vidas.” (WORCMAN, 2013, p. 148). A mesma narrativa nunca vai ser contada exatamente igual pelo seu narrador, mas isso não tira a veracidade do discurso, revelando as problemáticas e seleções que o indivíduo fez e refez na sua história.

Todo tipo de fonte e metodologia requerem cuidados e diferentes tratamentos de acordo com suas especificidades. Para Alberti (1996), ao utilizar História Oral, é preciso ter diversos cuidados, já que o objeto é um indivíduo com memórias e identidades que devem ser preservadas e respeitadas. Estas memórias devem ser analisadas dentro do seu contexto e tempo, evitando anacronismos e distorções.

Para a execução das entrevistas deste projeto foram organizados três momentos: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista (MAGALHÃES, 2017). Na pré-entrevista, o termo de consentimento livre e esclarecido e o roteiro semiestruturado temático foram preparados, servindo como guia para organização da entrevista. Quando se utiliza história oral de vida, geralmente se opta por um roteiro mais “livre”. Porém, dentro das especificidades do grupo, o roteiro semiestruturado foi necessário. Enquanto bolsista de pesquisa BIC-UCS, atuando com a comunidade senegalesa pelo projeto Fontes II, fazendo uso da história oral, foi percebido a

dificuldade de alguns depoentes com a língua portuguesa e a falta de entendimento de algumas palavras e conceitos. De acordo com Costa e Lia (2018, p. 201), “Em função da falta de domínio da língua portuguesa, mesmo para imigrantes senegaleses que já se encontram há alguns anos no Brasil, os trechos das entrevistas apresentam uma linguagem ‘truncada’[...]”

Além disso, a entrevista foi guiada por eixos temáticos¹⁸, facilitando a utilização e a análise dessas fontes, para outras pesquisas e outros pesquisadores. Magalhães (2017, p. 17) afirma que “Muitas vezes, a variedade de assuntos abordados pelos entrevistados torna a utilização das entrevistas como um todo quase impossível, de modo que alguma técnica de depuração das informações se faz necessária”. Nesta primeira etapa, para ter contato com estas mulheres foi preciso estabelecer relações com a comunidade, o que ocorreu através do contato inicial de um homem. Em outras palavras, contou-se com a indicação de terceiros e da própria comunidade senegalesa, sendo as entrevistas realizadas num intervalo de 20 dias. Talvez por uma questão de identificação de gênero entre a entrevistadora e as entrevistadas, os contatos e as entrevistas ocorreram de forma fácil e espontânea. Além das entrevistas, também foram observadas duas das depoentes em seus ambientes de trabalho e participando de uma festa de casamento senegalês, realizada em outubro de 2019, em Caxias do Sul. Este foi considerado um momento importante de convívio e observação das práticas socioculturais da comunidade senegalesa em Caxias do Sul.

As entrevistas duraram entre trinta a quarenta minutos, variando conforme cada pessoa. Antes de iniciar cada uma das entrevistas, a intenção da pesquisa foi salientada e foi assinado o termo de compromisso livre e esclarecido, bem como a autorização do uso de imagem. As entrevistas foram gravadas em áudio, e alguns trechos foram capturados em imagens, para a construção de um produto cultural audiovisual. Também foi explicado sobre a produção deste material e sua função de preservação da trajetória-histórica das mulheres senegalesas em Caxias do Sul. A ideia do vídeo foi bem recebida pela comunidade e elogiada pelas entrevistadas, que viram uma prévia de como estava sendo estruturado o vídeo. Além de preservar a história dessas mulheres imigrantes e da comunidade senegalesa, este material é um produto que será disponibilizado no YouTube tanto para a sociedade caxiense, como para professores que queiram utilizá-lo para fins didáticos. Dentre as temáticas possíveis para utilizar este material em sala de aula estão: imigrações internacionais, imigração em Caxias

¹⁸ O roteiro foi organizado da seguinte forma: sobre a vida no Senegal; sobre a imigração; sobre o Islã; sobre o futuro; sobre filhos.

do Sul, história das mulheres, história de mulheres imigrantes, história de mulheres imigrantes africanas no Brasil, Islã, os cinco pilares do Islã, mercado de trabalho e o acolhimento a grupos imigrantes, entre outros.

Os nomes das entrevistadas foram identificados como forma de valorizá-las enquanto sujeitos históricos, tendo o cuidado de não comprometer sua imagem. Após a entrevista, o áudio foi transcrito. Cabe ressaltar que foi decidido utilizar a transcrição literal e não a transcrição, para preservar, na medida do possível, as marcas da individualidade e características da comunidade:

Reconhecendo-se a impossibilidade de reprodução, no texto escrito, do que foi dito no momento da entrevista, a transcrição é sempre uma versão da fala original. Sendo assim, o relato transcrito nunca é igual ao que foi falado na gravação e talvez, quando mais o editemos, maior será essa distância. (MAGALHÃES, 2017, p. 17).

Em se tratando de trajetórias de vida, é através da construção das memórias que se torna possível retomar estas narrativas. Por isso, a ideia era que os acervos pessoais e privados das depoentes fossem parte das fontes. Além de ser um aliado na contextualização histórica e da trajetória do sujeito, os acervos pessoais ajudam a resgatar uma memória simbólica e afetiva que o objeto traz. Para Bartholazzi (2013, p. 301), “[...] através da história oral, adequado instrumento para se registrar a memória feminina, somada a uma garimpagem, sobretudo nos arquivos privados, torna-se possível trazer à tona a atuação da mulher [...]”. Porém, isso ficou inviabilizado, porque estas mulheres deixaram praticamente todos os objetos que tinham uma memória afetiva no Senegal, de modo que não possuíam o que trazer para a entrevista. Este fato também faz parte da trajetória e contextualização de vida destas mulheres, de tudo que tiveram que abrir mão e deixaram em seu país de origem, para se tornarem imigrantes e buscarem melhores condições de vida, como disse Fatou Sokhna: “Isso que me trouxe aqui, esperança”¹⁹.

2.3 MULHERES AFRICANAS

Na condição de mulheres, as senegalesas ocupam funções e papéis específicos dentro da comunidade da qual fazem parte. Por serem africanas, não podem ser analisadas a partir de categorias ocidentais de gênero. É necessário analisar o papel da mulher senegalesa a partir

¹⁹ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

das suas narrativas e do lugar que ocupam na comunidade. O principal problema é encontrar o referencial bibliográfico traduzido sobre a mulher africana, a mulher senegalesa e/ou a mulher senegalesa muçulmana. Macedo (2015)²⁰ explica que “Ao buscar fontes bibliográficas sobre feminismo e África, deparei-me com um universo um tanto desconhecido no Brasil, pois, ao longo do meu levantamento de referências, tive dificuldade em encontrar obras na língua portuguesa que abordassem esse tema”. A maioria das referências disponíveis está em inglês ou francês. Então foi utilizado como referencial os textos traduzidos da socióloga Oyèrónkẹ Oyěwùní²¹ e da nigeriana Chimamanda Adichie²².

Partindo do pressuposto que gênero inclui o debate sobre construções de papéis e funções sociais de homens, mulheres e outros gêneros discutidos na atualidade, é possível dizer que não foi realizado um estudo de gênero sobre as senegalesas em Caxias do Sul. Para Oyèwùní (2000, p. 3), “mulher e gênero são praticamente termos sinônimos em muitos estudos que pretendem ser sobre relações de gênero (que na verdade deveriam incluir homens e mulheres)”. O objetivo deste trabalho é pensar a mulher senegalesa a partir da sua narrativa e contextos locais, com conceitos de pesquisadoras africanas, para uma melhor compreensão da dimensão do feminino em questão.

A visibilidade dos estudos de gênero, conceitos e abordagens teóricas que temos disponíveis atualmente são resultados dos esforços dos movimentos de pesquisadoras feministas ocidentais (Oyèwùní, 2004). Estas estudiosas tornaram públicas questões privadas de desigualdades entre os gêneros que são estruturais em diversas sociedades. Em geral, as categorias e análises feitas partem de experiências euro-americanas, e utilizam o gênero como “modelo explicativo para compreender a subordinação e opressão das mulheres em todo o mundo. De uma só vez, elas assumem tanto a categoria ‘mulher’ e sua subordinação como universais. Mas gênero é antes de tudo uma construção sociocultural” (Oyèwùní, 2004, p. 2). Para Oyèwùní, o gênero não pode ser desvinculado de outras formas de opressões existentes, como de classe e de raça. Além disso, este conceito não pode ser pensado de forma universal,

²⁰ Litiane Macedo é doutora em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com ênfase em: Análise Crítica do Discurso; Gramática Sistemática Funcional; Estudos da Linguagem, Gênero e Representações em diversos modos semióticos; Estudos de Gênero em contextos africanos.

²¹ Oyèwùní é uma socióloga nigeriana que faz parte do grupo de estudiosos africanos que procuram um entendimento pluriversal e de categorias não colonizadas próprias para a África. Trabalha principalmente com gênero, feminismo ocidental e epistemologias africanas.

²² Adichie é doutora em Humanidades, escritora, nigeriana e feminista de reconhecimento internacional por suas obras e discursos.

principalmente quando baseado nas vivências “de mulheres anglófonas/americanas e brancas, especialmente nos Estados Unidos” (2004, p. 3).

A socióloga ressalta que a categoria de gênero das feministas ocidentais, que por vezes são apontadas como antipatriarcais e antifamílias, na verdade só existem e são pensadas a partir da família nuclear. Oyěwùmí (2004, p. 6) explica: “família nuclear é uma família que tem bases conjugais, que é construída em torno de um casal como núcleo conjugal”. Esse tipo de família é composto por pessoas que ocupam o papel mãe/esposa, filhos/filhas e pai/esposo, ou seja, não há lugares para outros adultos nesta configuração. As mulheres estão intimamente ligadas ao cuidado e ao espaço doméstico, enquanto o homem está atrelado ao sustento e ao ambiente externo. Segundo Oyěwùmí (2004, p. 4):

Distinções de gênero são fundantes do estabelecimento e funcionamento deste tipo de família. Assim, o gênero é o princípio organizador fundamental da família, e as distinções de gênero são a fonte primária de hierarquia e opressão dentro da família nuclear. Da mesma forma, a mesmice de gênero é a principal fonte de identificação e solidariedade neste tipo de família. Assim, as filhas se autoidentificam como mulheres com sua mãe e irmãs.

A mulher só é pensada a partir da sua relação com o homem²³ e a análise de gênero ocidental a partir das relações e papéis que a mulher ocupa ou não em uma família nuclear. Oyěwùmí (2000, p. 1-2) observa que “o discurso feminista está enraizado no núcleo familiar e que esta organização social constitui o próprio fundamento da teoria feminista”. No ocidente, a própria noção de “mãe” descende da relação sexual com um homem. De acordo com os estudos de Oyěwùmí (2004, p. 5), na África, “Na maioria das culturas, a maternidade é definida como uma relação de descendência, não como uma relação sexual com um homem”. Em outras palavras, o princípio organizador das famílias e os laços que ligam as mães e os filhos não são construídos a partir das relações que esta mulher tem com um homem.

Em todos os arranjos familiares africanos, o laço mais importante está dentro do fluxo da família da mãe, quaisquer que sejam as normas de residência no casamento. Estes laços ligam a mãe aos/as filho/as e conectam todos os filhos da mesma mãe, em vínculos que são concebidos como naturais e inquebráveis. Não é de se surpreender, então, que a mais importante e duradoura identidade e nome que as

²³ Conceito também trabalhado por Simone de Beauvoir na obra “O Segundo Sexo”. Oyěwùmí faz uma crítica à obra de Beauvoir, argumentando que ela não faz a distinção entre classe e raça. Também critica como esta obra estende sua análise para uma interpretação universal do gênero feminino: “Beauvoir e outras teorizam como se o mundo fosse branco, de núcleo familiar e de classe média” (OYĚWÙMÍ, 2000, p. 3). Outra crítica é a análise binária da mulher no espaço privado, enquanto o homem ocupa o espaço público. A existência da mulher está intimamente ligada com a família nuclear. A mulher só é definida a partir da família (Ex.: mãe solteira). Para (OYĚWÙMÍ, 2000, p. 3), “A partir da lógica da família nuclear segue uma oposição binária que mapeia como privado o mundo da mulher, em contraste com o mundo muito público do homem (não “esposo”, pois o homem não é definido pela família)”.

mulheres africanas reivindicam para si é a “mãe”. No entanto, a maternidade não é construída em conjunto com a paternidade. A ideia de que as mães são poderosas é muito mais uma característica definidora da instituição e seu lugar na sociedade. (OYĒWÙMÍ, 2000, p. 5)

Conforme apontado pela socióloga nigeriana, os papéis e as relações familiares que existem nas sociedades africanas são *construções socioculturais*. A relação da figura da irmã, por exemplo, vai além do laço sanguíneo da mesma mãe, o que é perceptível na fala de Fatou Sokhna: “eu mudei a uma cidade, deixei meus pais pra outra cidade, saí pra terminar meus estudos né, na casa da minha irmã, minha irmã é prima, a gente chama irmã também [...]”²⁴. Como essas relações se dão de forma diferente nas famílias caxienses, elas acabam causando estranheza em algumas situações aos senegaleses. No relato de Fatou Diallo, podemos perceber as diferenças culturais das estruturas e relações familiares e sociais:

O respeito que a gente tem com o mais velho, até tua irmã mais velha tem que respeitar, teu pai, tua mãe, tuas tia, tem algumas palavras que tu não pode falar pra eles. Não pode. Eu vou, uma coisa que eu nunca me esquece, o dia que eu tava trabalhando na Marcopolo, daí, tem um guri, um velho falou daí, o guri mais novo falou pra ele para tu tá mentindo, e eu fiquei assim (colocou as mãos no rosto com expressão de susto). Na hora, não to acostumada de ver uma, um guri falando com um velho de mentiroso daí. Nossa eu fiquei apavorada (risos), fiquei tão assustada, eu disse nossa, quando cheguei em casa daí eu contei pro meu marido. Daí ele falou aqui é assim, os mais novos não têm muito respeito pelos mais velhos, nossa isso tá muito errado. A diferença é isso daí²⁵.

Além do respeito dos jovens com os mais velhos, o respeito e o cuidado dos mais velhos com os mais novos também é visível. Isso se torna perceptível na fala de Fatou Sokna, conforme pode ser visto a seguir: “Eu cuidava também minhas irmão, do Demba e de outro irmão mais pequenininhos, eu fiquei sempre muito esperta com minhas irmãos, eu queria sempre ajudar ele né”. Outro apontamento sobre o lugar social da mãe e como ela é identificada como tal pelos seus “filhos” aconteceu no casamento realizado em outubro de 2019. Durante este casamento, uma mulher brasileira e branca, residente em Caxias do Sul há 20 anos, era chamada de mãe pelos senegaleses, assim como seu marido era chamado de pai. Este casal aluga uma casa para os senegaleses, em um dos bairros da cidade, auxiliando no que eles precisam. Não havia nenhum vínculo sanguíneo ou étnico entre ela e os senegaleses, e ainda assim ela era chamada de mãe. Os senegaleses também procuravam auxiliar em tudo que ela precisasse para seu conforto e bem-estar durante a festa. Como aponta Oyĕwùmí

²⁴ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

²⁵ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

(2000, p. 9), “as categorias sociais africanas são fluidas. Elas não se baseiam no tipo de corpo, e o posicionamento é altamente situacional”.

Através de sua produção literária e de suas vivências próprias, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie define o lugar que a mulher ocupa na sociedade nigeriana-africana e trabalha com o conceito de *história única*, que é essencial para repensarmos as visões produzidas sobre a África. Em apresentação ocorrida em 2009, no Technology, Entertainment, Design (TED), Adichie relata suas experiências desde a infância até a fase adulta, enfatizando a realidade e os mitos criados acerca da África. A história única, segundo Adichie, cria e reforça os estereótipos sobre a África como um continente miserável de fome e guerras, como pode ser visto no relato a seguir:

Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir a minha “música tribal” e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey. Ela presumiu que eu não sabia usar um fogão. O que me impressionou foi que ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela.

Estas visões são frutos do discurso pós-colonial (SANTOS, 2017) que ainda permanece para estrangeiros que desconhecem a multiplicidade de culturas e experiências africanas, que têm ainda a noção de uma única história da África. Santos (2017, p. 66) resume: “Parece inaceitável para o ocidental qualquer tipo de equiparação do modo de vida africano com os seus costumes”. As leituras dos livros de Chimamanda causam este impacto, pois trazem a realidade de personagens negros com o mesmo modo de vida do ocidente, sem necessariamente estarem em uma condição de miséria ou de inferioridade, como relata Adichie (2009):

Como um professor, que uma vez me disse que meu romance não era autenticamente africano. Bem, eu estava completamente disposta a afirmar que havia uma série de coisas erradas com o romance, que ele havia falhado em vários lugares. Mas eu nunca teria imaginado que ele havia falhado em alcançar alguma coisa chamada autenticidade africana. Na verdade, eu não sabia o que era autenticidade africana. O professor me disse que minhas personagens pareciam-se muito com ele, um homem educado de classe média. Minhas personagens dirigiam carros, elas não estavam famintas. Por isso elas não eram autenticamente africanas.

Na obra *Meio Sol Amarelo* há muitos pontos a serem destacados na desmistificação dos estereótipos sobre o povo africano, mas as personagens mulheres deste enredo ganham

destaque. A história acontece na década de 60, na Nigéria, entre conflitos políticos importantes para o país, como a guerra da Biafra. As personagens principais são duas mulheres da etnia igbo, irmãs-gêmeas, chamadas Olanna e Kainene. De família rica, estas duas irmãs com personalidades diferentes, uma intelectualizada e a outra empresária, mostram-se sempre críticas às posturas que *apontavam para a sua subalternização* (p. 63) da mulher presente na sociedade nigeriana. Durante a guerra, além de atuar como professora, Olanna “toma a frente nas decisões frente à família [...] administrando os materiais de sobrevivência” (SANTOS, 2017, p. 63). Com sua influência, Kainene conseguia produtos para a sobrevivência e o auxílio do povo igbo, que sofria com a guerra. “Sua luta foi tão intensa em prol dessa comunidade que em uma de suas buscas por ajuda termina desaparecendo, sem que ninguém a conseguisse encontrar.” (SANTOS, 2017, p. 65).

A narrativa reflete os papéis sociais ocupados pelas mulheres nigerianas, mães, empresárias, intelectuais e administradoras da sua vida pessoal e/ou familiar. Contrapondo-se ao discurso “ocidental dos séculos XVIII e XIX (que) serviram às necessidades imperialistas, ao postular uma suposta supremacia branca em relação aos não europeus, e de forma mais específica, aos africanos.” (SANTOS, 2017, p. 81).

O caso de Mariama Babji se assemelha a essa nova realidade das mulheres, no cenário moderno, de oposição e conciliação com as práticas tradicionais. Filha de médico e de mãe professora, que também é dona de sua própria escola de costura, Mariama é formada em Enfermagem no Senegal e em Técnico de Enfermagem em Caxias do Sul-RS. Ela tem como objetivo seguir estudando e cursar Medicina no Brasil, tendo como exemplo seu pai. Mãe de dois filhos, casada e muçulmana, enfrenta a pressão do marido e a pressão familiar sobre a questão da maternidade:

Aham, eu queria fazer o Enem depois meu marido começou né, aí é muitos anos não sei o que porque ele quer que eu engravide, eu disse assim ó pra ele, ele quer, a menina vai fazer cinco anos agora, a minha sogra reclamando toda hora que, ele ontem ontem começou, tu diz que tu não quer engravidar não sei o que não sei o que. Eu diz assim ó, eu não disse que eu não, mas é uma coisa de cada vez, não ele diz assim ó, tô [...] Ele disse assim ó para mim, porque tu queria tu pediu um tempo pra terminar o curso, consegui emprego. Eu diz assim ó, eu consegui emprego, mas é aquela coisa eu não quero, se eu engravidado agora vai ter muita coisas que eu vou deixar para depois.²⁶

Adichie também relata o lugar que a mulher ocupa na sociedade nigeriana que é de submissão e desvalorização do gênero feminino com relação ao masculino. Segundo Adichie

²⁶ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

(2015, p. 23), “Sempre que vou acompanhada a um restaurante nigeriano, o garçom cumprimenta o homem e me ignora. Os garçons são produto de uma sociedade onde se aprende que os homens são mais importantes do que as mulheres”. Não há como afirmar que em todo o território africano a mulher ocupe um papel de submissão na sociedade, já que se trata de um continente extenso, com múltiplas culturas e diversas realidades. Além disso, por falta de traduções dos estudos de intelectuais africanos, o acesso a essas fontes que são produzidas na África se torna bastante difícil.

3 A TRAJETÓRIA DE MULHERES AFRICANAS MUÇULMANAS EM CAXIAS DO SUL

Historicamente, os homens iniciaram os processos migratórios e as mulheres a partir deles (OSMAN, 2009). Nas tradições rurais do Senegal, a migração feminina não era vista positivamente, pois a mulher era valorizada dentro do contexto familiar (SAKHO, DIOP, MBOUP, DIADIOU, 2015). No entanto, esse número de mulheres migrantes teve um aumento a partir da década de 80, pela crescente contribuição feminina na renda familiar (SAKHO, DIOP, MBOUP, DIADIOU, 2015). A imigração é geralmente analisada a partir da perspectiva econômica, sendo *referenciada como um processo masculino* (OSMAN, 2009). Para Constantino (2006, p.65), é preciso um olhar atento para “o papel da mulher na imigração que, entre nós, foi sempre irritantemente um assunto masculino”. Esses homens acabam sendo aqueles que transmitem e contam as trajetórias dos grupos migrantes. Osman (2009, p.38) revela que “A contribuição da mulher imigrante transcende, desde o início do processo migratório, as funções domésticas a elas atribuídas”. Devido à modernização e à atuação feminina no mercado de trabalho, hoje há um crescente aumento das migrações de mulheres. Segundo dados da ONU, as mulheres representavam 48% dos 232 milhões de imigrantes internacionais no mundo em 2013.

As senegalesas tiveram pouco destaque nas produções e pesquisas bibliográficas até então, devido às questões características do fluxo imigratório, de gênero, da cultura e da religião. Para Mariama Babji,

[...] a imigração antigamente, só era os homens que migravam. O homem saía em busca de uma vida melhor, então... e também tem uma coisa, eu não sei, não vou dizer preconceito, mas é da própria religião também. Que é pra mulher ficar em casa, cuida dos filhos, da casa, do marido e tudo, e o homem sai pra trabalhar. Só que com a modernização, assim ó não tem como né [...]²⁷.

Diferente dos homens, elas vieram em menor número, logo foi mais difícil o contato com estas. Segundo dados do Centro de Atendimento ao Migrante, entre 2010 e 2014, vieram 1.841 homens e apenas 14 mulheres (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015). A partir das narrativas dessas mulheres imigrantes, busca-se compreender as adaptações e as relações que estabeleceram com a cidade migrada, bem como a sua recepção pela sociedade local. Segundo Constantino (2006, p.8), “ Eu vejo a imigrante e narro sobre ela, o meu olhar é etnocêntrico.

Difícilmente o imigrante conta sobre si como tal. Através da oralidade concedo à imigrante o direito de narrar-se”.

As senegalesas Fatou Sokhna, Fatou Diallo e Mariama Babji, sempre muito receptivas e gentis, têm histórias de vida importantes de serem destacadas como parte essencial de compreensão da própria comunidade senegalesa. Por ordem cronológica de realização das entrevistas, uma breve biografia será apresentada, analisando aspectos que se objetivou pensar e refletir na pesquisa.

3.1 FATOU SOKHNA

Fatou Sokhna chegou a Caxias do Sul há 7 anos, tem 33 anos, é casada e mãe de dois meninos. No Senegal, atuava como administradora, mas vindo para o Brasil teve que mudar de profissão, optando por fazer cursos de padaria e confeitaria. Atuou nesta área durante 5 anos, mas, no momento, trabalha com seu irmão mais novo na loja *Demba Afrika: boutique&acessórios*, fazendo tranças-afro que aprendeu no Senegal.

Imagem 2 – Fatou Sokhna



Foto: acervo da autora²⁸

Durante sua infância, cresceu com seus pais e mais dois irmãos, seu pai era arquiteto e sua mãe era *dona do lar*. Para completar o que seria equivalente com o ensino médio brasileiro, teve que ir morar na casa de sua prima, que também costuma chamar de irmã. Neste período fez cursos na área administrativa, trabalhou em uma empresa de alimentos e se casou. Tinha como sonho ser modelo, porém não foi possível, por interferência familiar.

No Brasil, demorou um ano para arrumar emprego, tendo que mudar de profissão, pois não conseguiu emprego na mesma área que trabalhava no Senegal. “Mas demorou um ano que ficou aqui sem emprego, todo dia eu sai levava minhas currículos pra procurar nessa área, mais nada, depois eu falei, eu acreditei que era verdade, eu não queria acreditar isso, depois eu fiquei procurando diária de padeira”²⁹. Sua imigração foi motivada pela vinda do marido ao Brasil, por questões laborais.

Na entrevista, relatou sua dificuldade na chegada a Caxias do Sul em função da língua, mas conta que foi auxiliada por uma moça que procurou ajudá-la, mesmo sem terem pleno entendimento das duas partes. Também falou da ajuda de outra mulher de Caxias que foi importante. Sobre sua recepção na cidade, comentou a respeito do estranhamento inicial da população: “Antigamente as pessoas são mais aberto né pras imigrante né, quando tu chega , quando tu sai na rua eles pergunta, quer falar contigo, porque não teve muito imigrante aqui eu acho, por isso que ficava estranho pra ele”³⁰. Fatou pretende voltar para o Senegal, anseia abrir seu próprio negócio de padaria e confeitaria no Senegal.

Analisando sua infância, percebe-se a função da filha mulher através do aprendizado das funções domésticas e cuidado da família, conforme pode ser visto no trecho abaixo:

Eu cuidava também minhas irmão, do Demba e de outro irmão mais pequenininhos, eu fiquei sempre muito esperta com minhas irmãos, eu queria sempre ajudar ele né. Ajudar também minha mãe fazer as coisas, tu sabe lá no Senegal a gente começa muito cedo aprender a vida, porque eu comecei a cozinhar a 9 anos, que eu comecei a cozinhar, o primeiro prato que eu fiz eu me lembro.³¹

A figura da mãe é relacionada como responsável pelo espaço doméstico: “Minha pai foi architetto, a minha mãe é dona de casa, nunca trabalhou, sempre cuidava de nós”. Para

²⁸ Foto escolhida por Fatou Sokhna. Foi sugerido que ela escolhesse uma foto sua que gostasse para integrar o Trabalho de Conclusão de Curso.

²⁹ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

³⁰ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

³¹ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

continuar estudando, teve que mudar de cidade, mas sabe-se que a família de Fatou não era de uma classe muito baixa, pois ela e seus irmãos tiveram acesso aos estudos. Além disso, seu pai era arquiteto. “Depois é asi, eu mudei a uma cidade, deixei meus pais pra outra cidade, saí pra terminar meus estudos né, na casa da minha irmã, minha irmã é prima, a gente chama irmã também, é eu fique lá quase 5, 6 anos né, terminei meu segundo grau completo”³².

Uma característica comum em todas as entrevistas é que estas mulheres se casaram quando estavam na faixa dos 20 anos e logo em seguida tiveram filhos. Segundo Herédia e Pandolfi (2015, p. 102), “As mulheres casam muito jovens e o número de filhos é elevado. A taxa de fertilidade no Senegal em 2013 era de 5,3 filhos para 1,8 filhos por mulher no Brasil (PRB, 2013)”. O primeiro filho de Fatou nasceu no Senegal quando ela tinha 24 anos. Outra característica em comum é que profissões com exposições públicas não são bem acolhidas. No caso de Fatou Sokhna, ela queria ser modelo: “Eu sempre queria ser uma, uma modelo, fazer modelo, mas minha pai não deixou. Porque cresceu uma família tradicional, não vai querer que a gente faça tudo que a gente queria, mas eu queria ser modelo”³³.

Fatou nunca havia imaginado vir ao Brasil, sua migração foi em função do marido que migrou em busca de trabalho e de salários melhores que no Senegal:

Eu nunca pensava na minha vida que eu fosse sair da minha terra para vir na outra país pra fazer qualquer coisa [...] Mas um dia meu marido falou que eu vou lá no Brasil, eu conversei com ele porque ele queria ir, tu teve trabalho a gente teve as coisas né para viver lá.[...] Ele foi, ele foi, 6 meses depois eu fui lá na embaixada também pra, pra, pra pedir uma vista pra mim, pra vir aqui junto. Porque meu marido tá aqui né, eu não posso deixar ele sozinho né, eu vem junto com ele.³⁴

Sua migração não se deu por uma condição de pobreza, segundo ela: “eu conversei com ele porque ele queria ir, tu teve trabalho a gente teve as coisas né para viver lá. Mas ele falou pra mim eu vou viaja porque eu ouvi que ele fala que ganha mais que aqui”³⁵. Depois de 6 meses, Fatou também veio para o Brasil e buscou emprego na sua área durante um ano, mas não obteve resultado. Ela explica: “ninguém me chamou porque eu acho que, ele não vai confiar a um estrangeiro que vem de fora, disse que secretária administradora, ninguém vai dar oportunidade, eu acho”³⁶. Porém, de acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego de 2016, as profissões que as mulheres mais ocupam no país são de auxiliar de

³² Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

³³ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

³⁴ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

³⁵ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

³⁶ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

escritório e assistente administrativa. Este dado mostra que alguns grupos de mulheres imigrantes não são bem acolhidos em algumas profissões.

Fatou relatou como foi difícil ter que mudar de profissão: “Depois sofrer bastante porque eu não quero mudar de profissão, porque só isso que eu sabia né, chorava bastante né”³⁷. Ela aprendeu uma nova profissão na cidade de Caxias do Sul e fez cursos na área de padaria-confeitaria, além de ter trabalhado alguns anos na área. Esse novo conhecimento, ela pretende levar para o Senegal e abrir seu próprio negócio.

As expectativas com a imigração se mostraram frustradas, não houve um ganho financeiro no Brasil, como era esperado: “Mas eu acho que aqui, as coisas que puxam as pessoas pra sair da terra era tudo mentira. Porque sempre as pessoa fala que tu vai ter uma vida bem melhor, tu vai ganha muito dinheiro, tudo era mentira, quando tu chega, tu vai achar que não é verdade.”³⁸ Outra das motivações é “sustentar o grupo familiar que permaneceu no Senegal” (HERÉDIA, PANDOLFI, 2015, p. 109) Enviar dinheiro do Brasil para a família que está no Senegal tem um custo elevado pela conversão em dólar, mostrando o impacto da economia internacional e brasileira nas redes familiares “[...] porque sempre tem que ajudar os parente que tá lá, manda dinheiro, o dólar tá muito ruim, real tá caindo demais.”³⁹ Quando interrogada sobre a permanência ou não das imigrantes senegalesas na cidade, relatou que assim como ela, outras pessoas se decepcionaram e resolveram novamente migrar, alguns em direção a Europa ou ao Senegal: “Algumas tão voltando lá no Senegal, outro foi na Europias para buscar outra oportunidade melhor, porque Brasil é difícil”⁴⁰.

Ao falar sobre sua chegada a Caxias do Sul, a senegalesa comentou da sua dificuldade com a língua portuguesa e mencionou que foi auxiliada por uma moça que desconhecia:

Ela me ajudou bastante, ela queria conversar comigo para ver o que eu vou fazer, porque eu cheguei aqui na rodoviária, o celular de meu marido tava descarregado. Eu liguei, liguei e ninguém me atendeu, eu não sei o que fazer, eu fiquei na rodoviária quase 1 hora. Essa mulher ficou perto de mim, me, queria, eu sei que queria me ajudar, mas ela não tende e eu também não tende que eu to falando.⁴¹

Outra mulher fez parte da sua rede de apoio na cidade, conforme pode ser visto no seguinte relato: “É, teve uma mulher que me ajudou também bastante, que mora lá no bairro

³⁷ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

³⁸ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

³⁹ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

⁴⁰ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

⁴¹ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

de Fátima também”⁴². Além de seu irmão e marido, não houve a presença de outra figura masculina nos relatos, sendo esta uma característica das três entrevistas realizadas neste trabalho. Este fato demonstra como as mulheres senegalesas se relacionam mais facilmente com as mulheres brasileiras e caxienses. Talvez isso constitua um reflexo de uma identificação de gênero e/ou de características culturais. Quando questionada sobre a diferença que percebe entre as mulheres senegalesas e as brasileiras, ela trouxe a questão da receptividade: “As mulheres aqui também são a maioria, não é tudo, são muito fechado. Lá não, lá é hospitalidade. Quando nem conheço uma pessoa tu queria conversar com ele, ver se tudo bem, se tá tudo certo, aqui é diferente[...]”⁴³. Não apontou nenhum comportamento preconceituoso ou incômodo, por parte dos caxienses, com ela ou seus filhos.

Como já foi dito, atualmente, Fatou trabalha com tranças afro, um conhecimento aprendido no Senegal e que aqui se tornou sua fonte de renda. Isso nos faz pensar sobre a valorização dos conhecimentos culturais que remetem à africanidade, por parte da sociedade local, que também frequenta a loja Demba África. Em quase todas as minhas idas a loja, para conversar com o Demba e a Fatou, sempre havia clientes caxienses cortando o cabelo ou interessadas nos produtos.

3.2 FATOU DIALLO

Fatou Diallo nasceu na cidade de Tambacounda, no Senegal. Está no Brasil há 7 anos, estudou no Senegal ao que equivale no Brasil como ensino fundamental, é casada e mãe de 4 filhos, dois destes nascidos no Brasil.

Imagem 3 - Fatou Diallo

⁴² Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

⁴³ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.



Foto: acervo da autora⁴⁴

Relata como teve uma infância boa e de muita brincadeira. Ela gostava de jogar futebol, correr e principalmente dançar. Sua família morava nas proximidades e reunia-se na sua casa. Durante sua adolescência, foi morar com sua tia em Dakar, capital e maior cidade do Senegal. Aos 18 anos, se casou e começou a trabalhar como vendedora. Tinha como sonho ser dançarina, mas este sonho não se concretizou. No Senegal, trabalhava como vendedora em restaurante. No momento da entrevista, também atuava como vendedora, mas na loja de seu marido. Além disso, quando chegou ao Brasil, trabalhou como montadora, por 5 anos, na empresa Marcopolo.

Sua imigração foi motivada pela vinda do marido ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Veio para o país após 2 anos da partida do marido, quando ele conseguiu reunir dinheiro para pagar sua passagem. Teve que deixar seus dois filhos no Senegal, a menina mais velha, com 2 anos, e o menor, com apenas alguns meses:

Não foi fácil, não vieram junto, eu deixei eles lá. Foi bem difícil pra mim, chorava dia e noite, a saudade era muito grande daí. Eu deixei os dois lá, a menina tinha dois anos daí quando deixei ela né. Dai eu fui viajar, saí de casa, dentro do avião, quando

⁴⁴ Foto escolhida por Fatou Diallo. Foi sugerido que ela escolhesse uma foto sua que gostasse para integrar o Trabalho de Conclusão de Curso.

cheguei comecei chorar de saudade, ai meu Deus, foi muito difícil pra mim no início.⁴⁵

Os seus filhos ficaram com a avó paterna até que ela e o marido conseguiram ir buscá-los. Ela afirma que o trabalho na Marcopolo foi algo que lhe ajudou com as saudades dos filhos: “O que me dava sorte é que eu não ficava em casa né, que eu trabalhar na Marcopolo lá, daí as colegas são bem legal, daí conversava comigo daí me ajudava bastante sabe. Foi isso que me ajudou daí”. Quando questionada sobre as dificuldades na chegada a Caxias do Sul, disse que este processo foi “tranquilo”, já que seu marido lhe ajudou com tudo e ele já falava português. Ainda assim, ela levantou a questão da dificuldade inicial, no que se refere à comunicação: “Já imaginou se fosse só eu? Naquela época eu não sabia nem bom dia. As pessoas falavam, passavam e falam bom dia e eu disse pra meu marido, ué o que que ela falou, sabe (risada)”⁴⁶.

No que diz respeito às brincadeiras infantis citadas por Fatou, cabe ressaltar que elas eram divididas conforme o gênero:

Fatou: As meninas, elas brincam com boneca, coisa assim de cozinha, de cozinhar, coisa assim, de cuida de bebê assim, de brincadeira né. Daí os homens o que mais gosta criança é jogar bola né, jogar bola e jogar aquela coisa daí,⁴⁷ como é que é o nome? **Franciele:** Bolinha de gude? **Fatou:** Bolinha de gude, isso.

Vale ressaltar que as construções sociais de gênero influenciam e condicionam às crianças. No caso das meninas, as brincadeiras costumam ser direcionadas para os cuidados domésticos e maternos. Já algumas brincadeiras esportivas, como o futebol e a corrida, são consideradas masculinas. No trecho a seguir, a expressão “coisa de menino” enfatiza essa divisão de gênero nas brincadeiras: “Que antes de casar, daí eu ti falei que eu chegava, eu gostava de fazer coisa de menino né. Eu jogava bola, fazia corrida muito, eu corria muito daí [...]”⁴⁸.

Como apontado anteriormente, as profissões que remetem a uma maior visibilidade pública também não eram bem recebidas pela família de Fatou Diallo. Ela gostaria de ser dançarina, mas a família não aprovou e interferiu:

Dançarina (risada). Daí meu pai não deixou, minha tia também que tá lá na França, daí me ligou e falou, assim, tão me contando que tu quer ser dançarina. Daí eu disse que sim, eu gosto. Ela falou, não, tu não vai ser dançarina não, eu vou, eu vou (risada) eu vou fazer tudo meu possível pra ti vier aqui pra França, dançar não, tu

⁴⁵ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁴⁶ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁴⁷ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁴⁸ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

não vai aparece na TV, mostrando teu corpo, fazendo as dança as coisa assim, não vai não. É daí tiraram da minha cabeça né.⁴⁹

Fatou Diallo se casou com 18 anos, se mudou para a casa de seu marido e começou a trabalhar. Assim como Fatou Sokhna, logo após o casamento teve um filho. Em geral, quando casam, as senegalesas vão para casa de seus maridos, deixando sua família. Quando questionada sobre o que se espera de uma mulher senegalesa, a entrevistada reafirma esse papel da mulher como responsável pelo lar e pela família: “Daí tu vai, tudo tu tem que fazer, tu tem que fazer comida, limpar a casa, cuidar das crianças e mais ou menos isso. Que nem aqui também né, daí tem que, mulher casada é bem diferente da solteira daí”⁵⁰.

Ela salienta que quando chegou a Caxias do Sul foi ajudada pelos amigos do marido na cidade. Também cita coisas que foram compradas para ela neste momento, que teoricamente ajudam a mulher no ambiente doméstico tradicionalmente destinado a ela: “Foram comprar cobertor, pratos, garfos, panelas, jarra, coisas assim que ajuda a mulher dentro de casa também, copo pra tomar café”⁵¹. No discurso de Fatou Diallo e no de Fatou Sokhna percebe-se a importância da “rede de apoio” de amigos e conhecidos ao migrante. Principalmente no que diz respeito à estruturação do lar e ao auxílio emocional da imigração, que para Fatou Diallo aparenta ter sido a questão dos seus filhos.

As diferenças percebidas entre as brasileiras e as senegalesas aparecem nos três relatos e remetem ao comportamento da sociedade. Fatou Diallo destaca as atitudes perante os mais velhos:

A diferença é bastante, a educação. Eu não vou dizer que os brasileiros são mal educados, não, porque a cultura a diferença de falar, com mais velho sabe. O respeito que a gente tem com o mais velho, até tua irmã mais velha tem que respeitar, teu pai, tua mãe, tuas tia, tem algumas palavras que tu não pode falar pra eles.⁵²

A senegalesa relata o seu choque com esse comportamento quando trabalhava na empresa Marcopolo:

Eu vou, uma coisa que eu nunca me esquece, o dia que eu tava trabalhando na Marcopolo, daí, tem um guri, um velho falou daí, o guri mais novo falou pra ele para tu tá mentindo, e eu fiquei assim (colocou as mãos no rosto com expressão de susto). Na hora, não tô acostumada de ver uma, um guri falando com um velho de mentiroso daí. Nossa eu fiquei apavorada (risos), fiquei tão assustada, eu disse

⁴⁹ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁵⁰ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁵¹ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁵² Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

nossa, quando cheguei em casa daí eu contei pro meu marido. Daí ele falou aqui é assim, os mais novos não tem muito respeito pelos mais velhos [...].⁵³

Durante a entrevista, foi retomada a pergunta das diferenças entre brasileiras e senegalesas. Assim como Mariama, Fatou Diallo falou da diferença da vestimenta das brasileiras e abordou a questão dos relacionamentos amorosos. Nas vestimentas, o que ela notou é o “tamanho” das roupas das brasileiras, principalmente no verão: “[...] daí que como que a gente somo muçulmano, que nem aqui as mulheres usam saia curtinha, ou short daí, bem curtinho daí, a gente não consegue usar isso”. Como apontado por Fatou, no Senegal, o Islã impacta em diferentes dimensões da vida, inclusive na vestimenta e nos relacionamentos. A mulher muçulmana senegalesa deve se manter virgem até o casamento, sendo que isso não é uma regra válida para a sociedade caxiense: “[...] a diferença também é aqui quando tu namora daí tu pode ir na casa do teu namorado, passar a noite lá, fazer tudo que quiser, lá não pode, a mulher é sagrada lá, daí tu tem que, vocês podem namora, mas não pode acontece nada entre vocês, só depois do casamento”⁵⁴.

Como descrito anteriormente, a comunidade senegalesa também envia dinheiro para suas famílias ajudando no sustento. Fatou Diallo falou da importância do envio deste dinheiro para as questões de saúde, já que no Senegal, diferente do Brasil, não há um Sistema Único de Saúde (SUS), gratuito e acessível para todos. “Às vezes tem alguém doente, daí não tem, an dinheiro pra pagar os remédio, tem que ajudar, tem que mandar pra ajudar”⁵⁵. Segundo as entrevistadas, existem dois grandes hospitais no Senegal que oferecem ajuda para as pessoas que não têm condições de pagar por cirurgias ou medicamentos.

Que daí lá os remédio tu tem que pagar, daí não tem de graça. [...] Sempre tem um, an, como é que é, social daí, tu chega num tem que fazer uma cirurgia que custa cinco mil reais ou que custa dez mil, daí tu não tem ninguém pra te ajudar, tu não tem como pagar daí tu vai ter que entrar o médico te mete o contato com o social daí, daí eles vão te ajudar. **Franciele:** E geralmente as pessoas conseguem ajuda? **Fatou:** Ajuda **Franciele:** Conseguem? **Fatou:** Ajuda, mas é bem difícil daí.⁵⁶

Como Fatou Diallo teve dois filhos no Brasil, foi questionado a respeito do atendimento que recebeu e como foram os partos. Ela fez os partos via SUS e comentou que foi bem atendida tanto no Hospital Pompéia, quanto no Hospital Geral, em Caxias do Sul.

⁵³ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁵⁴ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁵⁵ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁵⁶ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

Fatou Diallo pretende ficar morando no Brasil, principalmente para continuar ajudando financeiramente sua família que ficou no Senegal. A irmã que mora na França a convida para ir morar com ela, argumentando que seria melhor e que seus filhos iriam aprender o francês, mas Fatou diz “meu coração gosta de Brasil, né”⁵⁷.

3.3 MARIAMA BABJI

Mariama migrou para o Brasil há 5 anos, é casada e tem 31 anos. Ela é mãe de dois filhos, uma menina e um menino. Ela é formada em Enfermagem no Senegal e é técnica em Enfermagem no Brasil, sendo que está atuando na área.

Imagem 4 - Mariama Babji



Foto: acervo da autora⁵⁸

Sua infância no Senegal foi relatada a partir de dois momentos, sendo criada pela família da mãe e outra pela família do pai. Os pais de Mariama se separaram quando ela era

⁵⁷ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁵⁸ Foto escolhida por Mariama Babji. Foi sugerido que ela escolhesse uma foto sua que gostasse para integrar o Trabalho de Conclusão de Curso.

pequena. Sua mãe era proprietária e professora de uma escola de costura, já seu pai era médico. Morou com a mãe até seus 8 ou 10 anos. Relata como era a preferida de seu avô e brincava bastante. Quando foi morar com seus avós paternos, começou a aprender “as coisas de mulher”⁵⁹, como cozinhar. Após completar seu ensino médio, ingressou na faculdade, se formando em Enfermagem e logo em seguida se casou. Logo que havia casado, seu marido migrou para o Brasil, tendo o intervalo de 6 anos da vinda dele ao Brasil e a migração dela com os filhos. Seu marido migrou no ano de 2008 e ela em 2014, junto com seu filho mais velho. Em Caxias do Sul, teve mais uma menina. Além disso, se formou como Técnica em Enfermagem, já que os certificados do Senegal não são válidos no Brasil. Atualmente, trabalha na área, em um hospital de Caxias do Sul. Pretende continuar estudando no Brasil, pois tem como objetivo cursar medicina, assim como seu pai.

Diferente das demais entrevistadas, a infância de Mariama teve o fator da separação dos pais e a mudança para ir morar com os avós paternos. Durante a entrevista, Mariama falou duas idades diferentes para essa mudança: “daí fiquei lá com meus avós até 7, 8 anos por aí.”⁶⁰ e “Eu sai quanto eu tinha 10 anos”⁶¹. Este fato demonstra que a memória é algo subjetivo e pode ser reconstituída durante a construção da narrativa. Neste caso, ficou impreciso a data em que a mudança ocorreu, por conta dos diferentes recortes que Mariama fez ou como sua memória relacionou o mesmo fato a partir de diferentes momentos de fala. A mãe de Mariama foi a única familiar das três entrevistas que não era “dona de casa”⁶², já que além de professora, era dona de sua escola de costura. Este é um fato interessante para se pensar o lugar e as possibilidades que as mulheres senegalesas podem ocupar e ocupam na sociedade. O pai de Mariama era médico e faleceu em 2005. Assim como ele, ela pretende cursar medicina e prestar serviços voluntários em comunidades mais pobres no Senegal:

Nos final de semana que ele não trabalhava ele pegava o carro dele, com os remédios, ele ia nas cidades assim ó bem longe que não tem um posto de saúde ou um posto de saúde, que o médico não fica, ele fazia as consultas gratuita e dava os remédios. Então é uma coisa que, não sei, gostaria de fazer a mesma coisa, eu gostaria de seguir o caminho dele [...] Não sei, mas é sério eu tô com projetos assim, às vezes eu penso fico imaginando consigo, mesmo que seja uma vez no ano ou cada dois anos, ali um grupo de médicos que consegue por exemplo ir até o Senegal fazer as consultas gratuitas, tem uns procedimentos que assim ó são bem rapidinho, de 15, 20 minutos ali de tempo [...].⁶³

⁵⁹ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁶⁰ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁶¹ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁶² Termo utilizado por Fatou Sokhna.

⁶³ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

Nesta mudança da casa da família materna para a paterna, Mariama falou da diferença de tratamento. Na casa de seus avós maternos, ela tinha mais liberdade para brincar, talvez em função da idade. Quando se mudou, sua avó paterna se preocupou em lhe ensinar “as coisas de mulher”:

Na verdade assim ó no início era bem difícil, imagina uma criança que sempre se acostumou nas brincadeiras, eu não fazia nada, comia, deixava tudo ali pras minhas tias arrumarem e eu ia embora né. Daí quando cheguei ali no início tava muito difícil, mas depois eu me acostumei. Porque ela ensinou e explicou, tu é mulher, tu tem que aprender coisa de mulher que um dia tu vai te casar e é diferente.⁶⁴

As funções da mulher senegalesa são ressaltadas pela própria Mariama em outro momento da entrevista. Para ela, o lugar da mulher senegalesa é em casa, cuidando dos maridos e filhos. Com o advento da modernização, essa função se diferencia, mas não deixa de existir:

O lugar da mulher é em casa, educar os filhos, cuidar da casa, do marido. Mas assim hoje em dia com a modernização e tudo, tu vê as mulheres trabalhando, mas não é porque tô trabalhando que vou deixar de cuidar dos meus filhos, do meu marido. Trabalha, quando tu chega em casa arruma tudo, segue tua vida, cuida do teu marido dos teus filhos. Às vezes as pessoa trabalha, e tu vai, é assim ó, procura uma empregada pra fazer as tuas coisas na tua ausência, mas quando tu chegar em casa cuida do teu marido, da sogra, enfim...⁶⁵

Assim como Fatou Sokhna, Mariama começou a aprender a cozinhar e a aprender outras funções consideradas “de mulheres” na faixa dos 10 anos. A sua adolescência teve como fator marcante a menstruação. Segundo ela, sua avó a alertou: “quando tu começar a ver tua menstruação tu me avisa, aí tu fala e ela diz assim ó, se um homem te encosta tu já engravida”⁶⁶.

O sonho de Mariama sempre foi ser médica, porém não foi possível. Para cursar medicina no Senegal é preciso iniciar esse estudo direcionado desde o ensino médio, sendo aprovada na prova para ingressar na escola de ciências. Ela conta: “O meu pai viajou e eu não me foquei, eu praticava basquete, fazia esporte, então eu gostava muito e a série de ciências a pessoa praticamente não tem tempo para fazer as outras coisas, sempre tu tem que estudar e assim é muita coisa, muito exercício para fazer”⁶⁷. Neste tipo de escola, o ensino é em turno integral. Após concluir o médio, ingressou na faculdade, paga pelo seu pai, e se formou em enfermagem, casando logo em seguida: “mas área de saúde é uma área que eu sempre gostei,

⁶⁴ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁶⁵ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁶⁶ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁶⁷ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

tenho muita paixão por essa área, então acabei me formando, só que me formei depois não consegui trabalhar, no ano que eu terminei e depois meu marido pediu pra vir morar com ele, então acabei chegando aqui”⁶⁸. Como dito anteriormente, todas as entrevistadas se casaram na faixa dos vinte anos, Mariama com 20 ou 21 anos. Por conta do casamento, ela não conseguiu atuar na área da Enfermagem quando se formou no Senegal. Somente em 2019, em Caxias do Sul, depois de ter concluído o curso de Técnica de Enfermagem, Mariama começou a trabalhar na área em um hospital da cidade.

Durante o ensino médio estudou português como língua estrangeira. Ela não pensava em vir para o Brasil, só veio em função do marido, mas gostava da língua. Seu objetivo era ir para o Canadá, se um dia chegasse a sair do seu país: “O português é a língua que eu mais gostei. O Brasil eu nunca escolhi, nunca pensei na minha vida que eu ia parar aqui no Brasil. Então eu, assim ó, eu sempre sonhei, se um dia sair do Senegal, eu vou pro Canadá”⁶⁹. Quando chegou ao Brasil, notou a diferença do português que havia aprendido e o que era falado no país: “Como eu falava a língua mas eu estudei o português de Portugal, que é diferente do português que se fala aqui, daí eu pegava meu celular até, pegava meu celular e procurava as coisas ali e via assim ó eu fiquei uns meses ali pra pegar a língua mesmo”⁷⁰. Nenhuma das entrevistadas tinha idealizado vir morar no Brasil, nem mesmo Mariama, que estudou português. Entre outras coisas, este fato revela como o Brasil é visto no exterior em disparidade com países da Europa e da América do Norte.

Assim como as demais entrevistadas, sua motivação para migração se deu através da vinda do marido para o Brasil. Porém, Mariama ficou 6 anos morando longe do marido, vendo-o apenas em algumas visitas que ele conseguiu fazer ao Senegal, segundo ela: “eu vim pra salvar o meu casamento”⁷¹. Quando ele conseguiu reunir o dinheiro, pediu para ela se queria vir morar com ele, trazendo o filho pequeno junto. De acordo com a senegalesa, “ele tá aqui desde 2008, então em 2014 lá no final de 2013, ele, quando ele conseguiu a permanência daí ele perguntou se eu queria morar com ele”⁷². O filho mais velho de Mariama nasceu em 2012 e os dois migraram em 2014. Outra característica em comum nos relatos das três entrevistadas para este estudo foi que elas não concordaram, pelo menos em um primeiro

⁶⁸ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁶⁹ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁷⁰ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁷¹ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁷² Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

momento, com a vinda para o Brasil. Não foi algo aceito facilmente, conforme Mariama desabafa: “porque quando ele falou de viajar eu não, não concordei. Mas no final acabei concordando porque não tinha uma outra saída, ele já tava decidido aqui”⁷³.

Todas as entrevistadas vieram diretamente para Caxias do Sul. Mariama conta que ela não teve grandes dificuldades na sua chegada à cidade, em função do auxílio do marido que já conhecia os procedimentos para imigrantes: “Na verdade, quando eu cheguei aqui, eu não tinha muitas dificuldade assim ó, porque tava aqui meu marido, então eu não senti muito. Mas às vezes até hoje, tu sai na rua, as pessoas assim ó é uma coisa que eu to preparada vou dizer”⁷⁴. Em seu relato, Mariama falou sobre o racismo que ainda impacta as populações negras e também a respeito de como a própria mulher negra é vista, citando exemplos de situações ocorridas na cidade, fazendo um comparativo com o seu país. No Brasil, o racismo negro é um problema estrutural que é fruto do discurso colonial que ainda persiste. Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil (2017). De acordo com o IBGE (2014), 53,6% da população brasileira é negra (pretos e pardos) e entre os 10% da população mais pobre do país, 76% são negros. Entre o 1% mais rico, apenas 17,4% são negros. O racismo ainda é muito presente em nossa sociedade, como relata Mariama Babji:

Porque é uma coisa que, o racismo é uma coisa que infelizmente tá acontecendo até agora, e às vezes tu passa na rua, os home te olha e assim ó, tipo, eu vivi um caso, eu tava era um domingo, que eu vendia, tinha as na época tinha assim ó era uns cartãozinho assim que os senegaleses faziam as ligações. Agora não tem mais, eu não tô vendendo mais, ai nos domingos eu saia lá 11, 11 horas 10 horas ali, eu fui na praça caminhando só que no domingo praticamente não tem ninguém, aí um cara chegou perto e disse assim ó pra mim, se eu tava fazendo programa, ai eu não respondi, eu segui o meu caminho, ele veio atrás de mim, começou a falar, eu disse assim ó, eu tô trabalhando pra começar e se for uma questão de prostituição eu nunca ia chegar aqui no Brasil, porque de onde eu saí tem homens. Então essa imagem que das pessoas pensarem, a imagem antiga de dizer a mulher negra serve só pro sexo e essas coisas, a gente vive até agora, pelo menos eu.⁷⁵

Além do relato de Mariama, Fatou Diallo falou de situações de bullying e racismo que seus filhos passaram na escola, em Caxias do Sul. Conforme Fatou: “Olha, no início, não foi, meu filho mais velho sofreu muito daí. A minha filha também às vezes ela vem aqui, mãe, hoje a minha colega me chamou de chocolate ou me chamou de pretinha[...]”⁷⁶. Fatou já foi

⁷³ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁷⁴ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁷⁵ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁷⁶ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

até a escola para conversar com a direção sobre isso, mas a situação persiste. Além disso, o filho de Fatou foi agredido na escola. De acordo com Fatou: “Bateram nele um dia”⁷⁷, logo após estes incidentes, ela mudou seu filho mais velho de escola, o que resolveu a situação. Apesar destes relatos, não é possível afirmar que a recepção e o acolhimento dos imigrantes senegaleses e seus filhos nas escolas de Caxias do Sul seja sempre desta forma. É necessário um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

Ao chegar ao Brasil, Mariama relata o seu estranhamento com a paisagem que viu, pois seu conhecimento prévio sobre o Brasil era constituído por praias, principalmente as praias do Rio de Janeiro: “era uma coisa e na chegada tu vê uma outra coisa”. Ela ainda comentou que esta imagem é passada pela mídia:

[...] as mídias ali quando eles vão mostrando o Brasil, não mostra por exemplo Caxias. Eles vão mostrar Rio de Janeiro, vão mostrar assim ó umas cidades lindas, praias lindas assim que eles vão mostrando. Aí eu cheguei, porque vai de ônibus pra cá, de São Paulo para cá eu veio de ônibus, aí no caminho eu olhando as árvores, nossa, será que eu não me perdi onde eu tô indo [...].⁷⁸

Em sua chegada à cidade, além de ter o auxílio do marido, também teve ajuda do Centro de Atendimento ao Migrante (CAM). O CAM, entidade mantida pelas religiosas scalabrinas, foi o primeiro local de recepção e acolhida na cidade para a maioria dos senegaleses. Além de prestar assistência social, encaminhamento para empregos, a instituição contabilizou e auxiliou a comunidade senegalesa com questões referentes a documentações e à moradia. Mariama comenta: “Na verdade, assim ó, quando eu cheguei aqui tinha a Maria, as pessoas lá do CAM, que eles faziam, ajuda na documentação né, o protocolo, a gente ia na polícia federal”⁷⁹. A irmã Maria do Carmo é uma das referências para os senegaleses em Caxias, pois esteve a frente do CAM durante muitos anos. Ela é reconhecida na cidade pelo seu trabalho de acolhimento e fortalecimento de migrantes.

Sobre as projeções para o futuro, Mariama pretende ficar no Brasil e aproveitar para estudar. No Brasil, diferente do Senegal, há a possibilidade de conciliar estudo e trabalho. A senegalesa garante: “Eu quero estudar porque o Brasil é assim ó, dá uma oportunidade que poucos países têm. Eu vou pegar o exemplo do Senegal, assim ó, aqui, a pessoa pode estudar e trabalhar. Tu trabalha de dia e estuda a noite, lá não tem essa coisa, ou tu vai estudar ou tu

⁷⁷ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁷⁸ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁷⁹ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

vai trabalhar”⁸⁰. Assim como seu pai, Mariama pretende ser médica, mas apontou duas problemáticas para a realização dos seus objetivos. Uma é a questão financeira e o alto custo do curso de Medicina no Brasil. Outra são as cobranças em relação a sua função enquanto mulher e esposa, já que seu marido quer outro filho: “ele quer que eu engravide, eu disse assim ó pra ele, ele quer a menina vai fazer cinco anos agora, a minha sogra reclamando toda hora que, ele ontem ontem começou, tu diz que tu não quer engravidar não sei o que não sei o que [...]”⁸¹. Quando Mariama resolveu que iria continuar estudando e fazer o técnico em enfermagem, pediu um tempo ao seu marido no que diz respeito a ter outro filho. Agora, após concluir o curso, pretende continuar estudando: “Eu diz assim ó, eu consegui emprego, mas é aquela coisa, eu não quero, se eu engravidado agora vai ter muita coisas que eu vou deixar para depois”⁸². Essa situação mostra o papel em que a mulher senegalesa se encontra na modernidade, ressaltando que esses papéis começam a ser questionados e repensados.

3.4 O ISLÃ E A MULHER SENEGALESA

No ocidente há uma imagem estereotipada da mulher muçulmana “percebendo-se apenas os aspectos mais negativos e mais espetaculares, amplamente cobertos pela mídia e divulgados sem nenhum discernimento” (HAJJAMI, 2008, p. 1). Demant (2018, p. 148) explica que “o islã se preocupa muito com a relação entre os sexos e tem compromissos explícitos sobre a posição e o papel da mulher na sociedade. Todavia, há controvérsias sobre sua interpretação”. Nas entrevistas, as senegalesas ressaltaram a importância do Islã em suas vidas, principalmente nos momentos de dificuldades. Em geral, estas mulheres não são percebidas como muçulmanas na cidade de Caxias do Sul, principalmente porque no Ocidente esta imagem está muito ligada ao uso do hijab⁸³. De acordo com o relato de Mariama:

Então as pessoas tão sabendo essa informação como vários trabalharam nas empresas e tudo, as pessoas tão sabendo disso. Mas propriamente dizer a pessoa te olhar e te dizer tu é muçulmana, não. Porque uma mulher muçulmana a identidade é assim ó que a pessoa poderia olhar e dizer eu sou muçulmana é usando o hijab. Essa aqui todos os lugares que as pessoas sabe que essa aqui é uma muçulmana, agora eu vestindo assim tem que ser uma pessoa que conhece né [...].⁸⁴

⁸⁰ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁸¹ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁸² Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁸³ Véu utilizado pelas mulheres muçulmanas que cobre o cabelo e o pescoço.

⁸⁴ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

Estas mulheres que estão morando em Caxias do Sul não usam o hijab⁸⁵ e para se integrar a sociedade local, usam roupas características da região. O véu é uma decisão individual da mulher muçulmana. Foi relatado, inclusive, que outras mulheres das famílias das entrevistadas usam o hijab no Senegal e na França. É possível analisar algumas dessas características na fala de Fatou Diallo, quando questionada sobre a conduta da mulher muçulmana:

Olha na verdade a gente não tô aplicando isso né, uma coisa vergonhoso, porque Islã é tudo de boa Fra, tudo de boa, é pra gente usar véu, se proteger, sabe, mas ó a gente usa calça jeans apertado, an roupa, blusa assim com manga curta, deixa o cabelo, tudo aparecendo né. No Alcorão não é assim né, usar véu, roupa bem comprida daí, é.⁸⁶

A vestimenta das mulheres brasileiras foi um fator de estranhamento apontado pelas entrevistadas, mesmo que para se adaptar a região, elas também estejam usando roupas mais justas ao corpo, deixando ombros e outras partes do corpo visíveis. Para Mariama:

É assim ó, quando eu cheguei aqui primeiro é, no vestimento né. Porque tu vê, por exemplo, no inverno não tem problema, agora no verão é praticamente as pessoas saem sem roupa né, é uma saia aqui, uma bermuda, então eu olhei, mas é assim ó não foi uma surpresa para mim sabe, a gente sai e tem uma educação e a gente respeita.⁸⁷

As mulheres muçulmanas não devem usar roupas que chamem atenção de outros homens (trecho do Alcorão 24:31), mas este não é um preceito seguido pela população em Caxias do Sul, isto é, pela comunidade que majoritariamente se diz como cristã. Para Mariama, “uma mulher é pro homem, já os homens pode se casar ter 4 até 4 esposas, a mulher é só com um homem, então o Islã é muito estrito nessa parte [...]”⁸⁸. A poligamia não é permitida no Brasil, mas ela também não é necessariamente bem acolhida por todas as muçulmanas. Para Fatou Sokhna, por exemplo, “ter um homem tem que te várias mulher né, quatro mulher se ele quer e isso eu acho que é uma loucura, eu sou (risada). Eu sou muçulmana né, é nossa cultura eu aceito né, não falei que é errado, não vou falar isso. Mas é,

⁸⁵ Trecho do Alcorão (24:31) sobre o véu:” Dize às fiéis que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres suas servas, seus criados isentas das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para que não chamem à atenção sobre seus atrativos ocultos”.

⁸⁶ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁸⁷ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁸⁸ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

eu acho que é loucura, é isso”⁸⁹. Nos séculos anteriores a expansão do Islã (VII), a poligamia era uma prática comum, que não tinha um número limitado de esposas. O próprio Islã limita isso e estabelece regras para a proteção dessas mulheres. Segundo Hajjami (2008, p. 1),

O versículo IV/3 relativo à poligamia começa por uma imposição aos tutores de pequenas órfãs, ordenando-lhes que sejam imparciais em relação a elas, e os aconselha, logo a seguir, sem transição, de tomar por esposas outras mulheres, duas, três ou quatro. Isso nos leva a deduzir que esta autorização à poligamia surge com o objetivo de proteger as menores do apetite de seus tutores. Na mesma ocasião, o versículo regulamenta a poligamia limitando o número de esposas legais a quatro; o que na época constituía um progresso numa sociedade que não conhecia nenhum limite quanto ao número de esposas.

As relações entre homens e mulheres também foi apontada como diferente entre o Senegal e o Brasil. As relações amorosas, segundo as entrevistadas, ocorrem de forma distinta. Não é permitido sexo antes do casamento, a mulher deve casar virgem. Conforme Fatou Diallo, “lá sexo só depois do casamento, daí a gente tem que tá virgem, virge né”⁹⁰. Quem busca e manifesta o interesse num relacionamento é o homem. A este respeito Mariama diz: “lá, assim, tu pode gostar do homem, mas eu não sei, eu não consigo explicar isso, se é vergonha, mas na nossa educação, a mulher não se declara para o homem. E isso tu vê muito aqui [...]”⁹¹.

Os casamentos senegaleses duram no mínimo 3 dias, em que são feitos o preparo dos noivos, rituais religiosos e a mudança da esposa para a casa do marido, sempre acompanhada pelas familiares. A cerimônia religiosa é feita na mesquita e não há presença de bebidas alcoólicas. Segundo Fatou Diallo:

Os casamentos é festa né, daí tu convida as pessoas, tu faz comida, bebida né, não alcoólico, não bebida alcoólica daí. Daí tu convida teus amigos, amigas, daí todo mundo vem. [...] Que lá a gente se casa, daí tu vai tem que sair da casa dos teus pais e ir na casa do teu marido né.⁹²

A cerimônia religiosa do casamento realizado em Caxias do Sul em outubro de 2019 foi realizada no Senegal e a festa em Caxias do Sul. Mariama descreveu como são os casamentos no Senegal:

É assim ó, primeiro, no primeiro dia, assim ó, depende né, tem alguns que vão até três dias, quatro dias ali ó, mas no primeiro eles vão ou na mesquita ou o guia religioso vai na casa dos dois, eles faz assim ó a cerimônia, o certo era os dois estar presente, ali no momento. Mas também pode ser feito ou um presente e o outro, ou

⁸⁹ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

⁹⁰ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁹¹ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁹² Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

os dois não pode estar lá [...] geralmente são os homens que se reúnem ali, já vão fazendo a tradição ali. Depois a festa continua a noite, a mulher é tem assim ó, assim, lá é, são as... as mulheres que faz as coisas vão aconselhando, é assim ó, as mães, as tias, ficam ali essas coisas. [...] vão te cobrir com um negócio branco, aí vão te levar na casa do, do teu marido. [...] Mas é bem legal, primeiro dia na casa da mulher, segundo dia a casa do marido, e assim vai né, continua a festa.⁹³

Após casar, a mulher vai morar na casa de seu marido e seu papel e funções sociais mudam, não só no âmbito público, como também no privado. Para Fatou Diallo, “[...] lá a gente se casa, daí tu vai tem que sair da casa dos teus pais e ir na casa do teu marido né. Daí tu vai, tudo tu tem que fazer, tu tem que fazer comida, limpar a casa, cuidar das crianças e mais ou menos isso”⁹⁴. A separação no Islã também é permitida, como no caso dos pais de Mariama. De acordo com o Alcorão (4:128): “E seu uma mulher recear mau-trato ou deserção por parte de seu marido, nenhum dos dois será censurado por estabelecerem termos de concórdia entre si. A reconciliação é o melhor caminho. A avareza está nas almas, enraizada. Se, assim mesmo, fordes generoso e temerdes a Deus, Ele vê tudo o que fazeis”.

Foi questionado para as entrevistadas como ficava a questão da alimentação e das orações durante a viagem até Caxias do Sul. Elas relataram que não é possível fazer as orações no período de viagem e a alimentação ficava restrita a bolacha. As orações se acumulam e são realizadas na chegada ao destino. Segundo Fatou Diallo: “Mas quando tu vai viajar, daí não tem lugar pra fazer, tu vai ter que esperar até chegar em casa pra fazer, vai acumulando daí, as orações daí. Quando tu chega em casa, daí tu vai toma banho, daí vai fazer”⁹⁵. Nos ambientes de trabalho, essas mulheres também não conseguem realizar as orações diárias, apenas em casa. Vale lembrar que, neste caso, os ambientes de trabalho são a metalúrgica, a padaria e a loja de roupas e acessórios.

O Islã é uma religião que demanda espaços públicos para existir e para as práticas cotidianas (COSTA E LIA, 2019). No Senegal, pelo Islã ser a religião predominante, os espaços públicos possibilitam as práticas públicas muçulmanas, como as orações diárias. Para Fatou Sokhna, “o Senegal é mais fácil porque todo mundo vai fazer, aqui não, tudo vai funcionar, as pessoas tão comendo na sua frente né, e pensa que tu tá fazendo Ramadã, porque não sabe né”⁹⁶. Em Caxias do Sul essa visibilidade se dá principalmente na praça Dante

⁹³ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

⁹⁴ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁹⁵ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁹⁶ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

Alighieri, em que são realizadas as orações diárias. Na cidade há uma casa de orações dos senegaleses, identificada como mesquita, que fica no centro da cidade. Esta casa de orações não tem visibilidade e ocupação de espaço público. Fatou Diallo explica que, no Senegal, “Nos espaço público também sempre reservado um lugarzinho pra fazer. Tem, tem mesquita né, um monte de mesquita daí pra fazer no Senegal daí”⁹⁷.

Além dos olhares curiosos dos caxienses, as senegalesas não trouxeram em seus relatos casos de preconceito religioso manifestado de forma agressiva ou violenta. Também comentaram como parte da sociedade caxiense desconhece o Islã e relacionam com o caso dos terroristas, como apontado por Fatou Sokhna: “Acho que não é muita pessoa que sabe nossa religião, porque ele, quando fala que eu sou muçulmana, eles acham que os muçulmanos são as pessoas que mata, que faz as coisa errado, os terrorista né, sabe, mas é um bom muçulmano não faria isso, não faria mal pra ninguém.”⁹⁸

⁹⁷ Entrevista realizada pela autora em setembro de 2019.

⁹⁸ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2019.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração é um processo difícil para quem se desloca, principalmente quando se constitui como uma migração forçada. No caso dos senegaleses, ela foi motivada por questões laborais e busca por um padrão de vida melhor do que o que se tinha no lugar de origem. Para Mariama, “Na verdade assim ó, muito difícil viver no outro país diferente do teu país, cultura diferente, uma outra língua, é assim ó é outro mundo né”⁹⁹. As dificuldades apontadas a partir das narrativas das imigrantes senegalesas incluem conseguir sair do seu país, por conta do alto valor que se paga para vir ao Brasil, a distância da família e a adaptação na cidade migrada. Algumas pessoas venderam suas casas e seus bens para conseguirem atravessar o oceano atlântico e chegar a terras brasileiras. As migrações femininas analisadas foram motivadas pela vinda dos maridos em busca de trabalho, sendo que isso não foi aceito com facilidade, ao menos em um primeiro momento, pelas senegalesas. Foi uma decisão do marido, com expectativas de ganhar melhores salários no Brasil.

No Senegal, a imigração é uma característica comum, principalmente em direção à França, pelas relações da colonização. A irmã e a tia de Fatou Diallo moram na França e já a convidaram para migrar para lá com sua família. Nas entrevistas, as senegalesas foram questionadas quanto a sua percepção a respeito do retorno dos senegaleses ao seu país ou migração para outros lugares. Todas afirmaram que há um movimento de saída da comunidade senegalesa de Caxias do Sul. A imigração para o Brasil frustrou as expectativas dos senegaleses, principalmente com relação aos salários e custo de vida.

As relações que estas mulheres estabeleceram com Caxias do Sul foram desde adquirem moradias e fazerem projetos para o futuro, ter seus filhos na cidade e constituir vínculos com os caxienses. Alguns caxienses se converteram também ao Islã por intermédio da comunidade senegalesa. A recepção dos senegaleses pela sociedade local de Caxias do Sul teve duas características contraditórias: o acolhimento, por parte de alguns, e o estranhamento, por outros. Além do acolhimento pelo Centro de Atendimento ao Migrante, foram registradas outras pessoas residentes na cidade que auxiliaram e auxiliam de diferentes formas os migrantes senegaleses. Contudo, também houve olhares inquisitivos e comentários indicando que “Tem algumas pessoas que fica com raiva de nós e diz assim ó, eles chegaram aqui

⁹⁹ Entrevista realizada pela autora em outubro de 2019.

pegando nossos emprego, pegando a ajuda que o governo deveria dá pra nois, da pra eles [...]”

100

As crianças senegalesas e caxienses que nasceram dessa imigração estão frequentando as escolas da cidade. Cabe ressaltar a importância de um estudo aprofundado sobre a questão do ensino e do acolhimento dessas crianças. Elas foram e estão sendo bem recebidas? Apresentam dificuldade com a língua portuguesa? E também no que tange às particularidades do Islã. As orações diárias e a questão da alimentação halal estão sendo respeitadas? Já ocorreram casos na cidade em que foi dado carne de porco e comidas temperadas com álcool para as crianças nas escolas, o que é proibido para a comunidade muçulmana. Isso aconteceu em parte pelo desconhecimento da religião e também por descuido, já que as senegalesas avisaram na escola sobre isto.

O filho mais velho de Fatou Sokhna iniciou sua alfabetização no Senegal com o francês e estava apresentando dificuldade na leitura do português. Segundo Fatou, “Ele começou no primeiro ano né, na no Senegal, e voltou aqui ficou muito difícil até agora. Pra pegar, ele tá falando, ele tá falando português, mas escrever, ler é difícil pra ele até agora”. Ela buscou ajuda no local de referência destas questões, porém não obteve retorno. Sabendo desta situação, entrei em contato com o Diretório Acadêmico de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e a estudante de Letras Bruna Sage se disponibilizou para dar aulas particulares de português para ele. Faz mais de um mês que ele tem tido aulas particulares semanais. A pergunta que fica diz respeito a outras crianças que podem estar passando pela mesma situação e não estão recebendo auxílio.

A pesquisa realizada neste trabalho ultrapassou 3 horas de entrevistas gravadas. Ao longo destas três horas é possível observar pausas no meio das entrevistas para atendimento de clientes e muitas conversas paralelas. Aliás, com exceção da última entrevista, todas as entrevistas tiveram atrasos. A primeira entrevista foi quase um fracasso, a câmera que eu havia conseguido emprestada não havia sido carregada pelo namorado da minha conhecida. Na metade da entrevista, tive que parar de gravar o áudio, para gravar um pouco da imagem com meu celular. Como ele também não grava muito tempo, desisti da imagem, gravando só o áudio. Consegui um trabalho extra de pesquisa em um sindicato da cidade, que me permitiu comprar uma câmera própria para as duas últimas entrevistas. Na segunda entrevista, consegui gravar os 15 primeiros minutos, porque eu não soube ajustar a câmera para gravar

ininterruptamente. Imagina só, eu nunca tive uma câmera. Na terceira entrevista, eu gravei tudo, mas o enquadramento ficou péssimo. De novo, eu não tinha dinheiro para comprar um pedestal para a câmera e tive que improvisar com o que tinha, no caso, o sofá da casa da Mariama.

Não recomendo gravar e entrevistar ao mesmo tempo, pois é uma tarefa complicada. Eu não quis arriscar trazer outra pessoa para me ajudar e isso tornar a situação desconfortável para as senegalesas. Os espaços em que as entrevistas foram gravadas não eram espaços totalmente adequados para isso, porém estes foram escolhidos pelas entrevistadas, e respeitei suas escolhas para se sentirem mais confortáveis. Todos os problemas com o equipamento e o espaço, interferiram nas entrevistas de forma positiva ou negativa conforme a situação e caso específico. Foi perceptível a diferença da sua espontaneidade quando estavam sendo gravadas e depois que desliguei a câmera. O caso da Mariama é um ótimo exemplo, depois que desliguei a câmera ela falou mais quarenta minutos sem perceber que eu estava gravando o áudio com meu celular. Acrescentando aspectos muito importantes para a pesquisa.

Também andei muito pelo centro, gravando imagens para o vídeo, o mais engraçado foram os caxienses me perguntando se eu era jornalista e ficando espantados quando eu dizia que a história também estava nas ruas. Quando tentei ir à Festa do Magal de Touba, no Clube Gaúcho, me perdi, não consegui encontrar o lugar, me molhei toda, porque estava chovendo e fiquei chateada por não conseguir ir.

O vídeo foi uma ideia surgida no início de 2019 como parte do TCC e do projeto Fontes II. A principal motivação foi de constituir um produto cultural para as senegalesas e a comunidade. Talvez elas não leiam meu TCC, mas o vídeo elas viram e gostaram bastante. Aprendi a editar vídeos em Setembro de 2019 por intermédio de Gustavo Raasch. Utilizei o programa Vegas versão 16.0 e foram muitas horas editando o vídeo, multiplicadas pela lentidão do meu notebook. Procurei no vídeo trazer aspectos da cultura senegalesa, sua música, dança e vestimentas. Selecionei trechos das entrevistas sobre as trajetórias de vida, dificuldades da imigração como deixar a família, as adaptações na cidade migrada na questão do emprego e hábitos culturais, a importância do Islã para suas fiéis e as negociações culturais nas práticas religiosas. Também ao longo do vídeo fiz alguns apontamentos com dados oficiais e reflexões sobre o caso da comunidade senegalesa em Caxias do Sul.

Perdi as contas das horas e de quantas vezes fui à loja Demba África conversar com o Demba e a Fatou Sokhna. Aliás, conversas sempre muito produtivas e importantes para

conhecer melhor a comunidade senegalesa, as visões de mundo dessas duas pessoas e suas lutas diárias. O casamento que participei como convidada do Demba foi uma experiência única, brinquei até com uma das crianças. Pude conversar com um casal de caxienses que alugam a casa para os senegaleses, conversei com outros senegaleses e tive o prazer de experimentar alguns pratos típicos deles. Vi eles tocando, cantando e dançando, a parte mais interessante. O mais incrível foi que pela primeira vez eu me senti uma estrangeira, teve momentos que eu fiquei sozinha junto aos senegaleses, eu não entendia nada do que eles falavam, não sabia o que fazer, como agir.

A comunidade senegalesa é hoje parte da sociedade caxiense. Estão presentes no cotidiano da cidade, no centro, nos bairros, nos negócios, nas escolas e participando da vida política do país¹⁰¹. As senegalesas fazem parte da história da cidade que foi e é composta por migrantes. Os diferentes fluxos migratórios que marcam a história da cidade são importantes para o aprendizado da alteridade e o contato com as diferentes realidades possíveis em nosso tempo. Caxias do Sul tem a oportunidade de conhecer e aprender com outro povo que está para além do oceano atlântico. Migrar é condicional, acolher é humano.

¹⁰¹ “Imigrantes dão o exemplo e vão votar na eleição deste ano em Caxias” Reportagem do jornal Pioneiro sobre as eleições de 2018 (15/09/2018). Link de acesso: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/politica/eleicoes/noticia/2018/09/imigrantes-dao-o-exemplo-e-vaio-votar-na-eleicao-deste-ano-em-caxias-10582952.html>

5 REFERÊNCIAS

a. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 324 p. Tradução Julia Romeu.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio sol amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 502 p.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 64 p. Tradução de: Cristina Baum.

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado**. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA ORAL, 2., 1996, Belo Horizonte. Anais. Rio de Janeiro: Cpdoc, 1996. p. 1 - 13. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

BAKARE-YUSUF, Bibi. **Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana**. Tradução para uso didático de BAKARE-YUSUF, Bibi. Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence. Feminist Africa, Issue 2, 2003. Tradução de Aline Matos da Rocha e Emival Ramos.

BONAFÉ, Marilene de Carli. **Memória, literatura e cultura: as vozes das mulheres italianas**. Passo Fundo: UPF, 2007. 231 p.

BRASIL, Alimentos Halal. **Alimentos Halal Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://alimentoshalal.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

BRITO, Fábio Bezerra de *et al.* **Narrativas e Experiências: Histórias orais de mulheres brasileiras**. São Paulo: D'escrever, 2009. 246 p. Produção editorial: Letra e Voz.

CIERCO, Teresa [et al.]. **Fluxos migratórios e refugiados na atualidade**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer Stiftung, 2019. 132 p. (Relações Brasil-Europa, v. 7).

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes**. Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p.63-73, jun. 2006. Quadrimestral.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Testemunho feminino e imigração: mulheres vênetas em cidades brasileiras e a construção da identidade. **Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, Florianópolis, v. 10, p.1-10, ago. 2010.

COSTA, Jéssica Pereira da; LIA, Cristine Fortes. Senegaleses e Caravaggio: a relação entre muçulmanos e católicos na serra gaúcha através da ótica do jornal Pioneiro. In: ARENT,

Isabel Cristina; WITT, Marcos Antonio; SANTOS, Rodrigo Luis. (Org.) **Migrações: religiões e espiritualidades**. São Leopoldo, Oikos, 2016. (p. 240-253).

DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

ESPEIORIN, Vagner. O mito da italianidade. **Revista UCS**, Caxias do Sul, v. 18, n. 3, n.p, set/out. 2015. Bimestral. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/revista-ucs/revista-ucs-18a-edicao/o-mito-da-italianidade/>>. Acesso em: 14 out. 2019.

EXTRA. **Conheça as 20 profissões mais comuns entre as mulheres**. 2018. (Grupo Globo). Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/economia/conheca-as-20-profissoes-mais-comuns-entre-as-mulheres-22410783.html>>. Acesso em: 14 out. 2019.

FINCO, Fabiano. **Religiosa dedica-se à inclusão dos migrantes que chegam a Caxias do Sul**: Irmã Maria do Carmo dos Santos Gonçalves teme uma crise migratória internacional caso não sejam tomadas medidas de acolhimento. 2014. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2014/07/religiosa-dedica-se-a-inclusao-dos-migrantes-que-chegam-a-caxias-do-sul-4559166.html>>. Acesso em: 28 out. 2019.

HAJJAMI, Aïcha El. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. **Cadernos Pagu**, [s.l.], n. 30, p.107-120, jun. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332008000100009>

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PANDOLFI, Bruna (Org.). **Migrações internacionais**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015.

MACEDO, Litiane. Gênero e África: outros olhares, outras perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 23, n. 2, p.626-628, ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-026x2015v23n2p626>.

LIA, Cristine Fortes; COSTA, Jéssica Pereira da. Imigrantes senegaleses: A presença muçulmana na Serra Gaúcha. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 155, p.185-209, dez. 2018. Semestral.

LIA, Cristine Fortes. **Identidades judaicas**: as comunidades de conversão na Serra Gaúcha. In.: Revista Interações. Belo Horizonte, PUCMinas, v. 12, n.22, 2017.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (Org.). **História oral e migrações**: Método, memória, experiências. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

MANÉ, Djiby. Gênero e sociedade patriarcal no Senegal: uma análise da obra Riwan, de Ken Bugul. **Revista Alpha**, Minas Gerais, v. 18, p.147-163, jul. 2017. Semestral. Centro Universitário de Patos de Minas. Disponível em: <<http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/1851451/G%C3%AAnero+e+sociedade+patriarcal+no+Senegal.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

MAOMÉ. **O Alcorão**: Livro Sagrado do Islã. 10. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016. 489 p. Tradução de Mansour Challita.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MOCELLIN, Maria Clara. **Trajetórias em Rede**: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul. 2008. 207 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação – Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ONU, Organização das Nações Unidas no Brasil. **Artigo 13**: Direito à liberdade de movimento. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/artigo-13-direito-a-liberdade-de-movimento/>>. Acesso em: 14 out. 2019.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Número de migrantes internacionais chega a cerca de 244 milhões, revela ONU**. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-internacionais-chega-a-cerca-de-244-milhoes-revela-onu/>>. Acesso em: 26 maio 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. Conceituando o gênero: Os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: ARNFRED, Signe; BAKARE-YUSUF, Bibi; KISIANG'ANI, Edward Waswa (Ed.). **African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms**. Dakar: African Books Collective, 2004. p. 1-8. (CODESRIA Gender Series). Tradução de Juliana Araújo Lopes.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. Laços familiares/ligações conceituais: Notas africanas sobre epistemologias feministas. In: HOWARD, Judith; ALLEN, Carolyn (Ed.). **Feminisms at a Millennium**. 25. ed. Chicago: University Of Chicago Press, 2000. Cap. 4. p. 1093-1098. Tradução de Aline Matos da Rocha

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. **La invención de las mujeres**: Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: En La Frontera, 2017. 315 p.

PEW RESEARCH CENTER: RELIGION&PUBLIC LIFE (Washington). The Pew Charitable Trusts (Org.). **Global Religious Futures**: Muslim Population by Country. 2019. Disponível em: <<http://www.globalreligiousfutures.org/religions/muslims>>. Acesso em: 07 out. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. **Cidade**: Apresentação. 2019. Disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/cidade>>. Acesso em: 28 out. 2019.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (Org.). **Depois da utopia**: a história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2013. 258 p.

SANTOS, Flávia Kellyane Medeiros da Silva. **Meio Sol Amarelo e a crítica ao pensamento eurocêntrico sobre a África**: Biafra e a resistência Igbo. 2017. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Letras e Artes Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **Formação da África contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Atual, 1987. 66 p. (Discutindo a história).

SARDAR, Ziauddin. **Em que acreditam os muçulmanos?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 222 p. Tradução de Marilene Tombini.

SILVA, Giuslane Francisca da; HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p.247-253, ago. 2016. Semestral. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/59252/38241>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

TEDESCO, João Carlos; MELLO, Pedro Alcides Trindade de. **Senegaleses no centro-norte do Rio Grande do Sul**: Imigração laboral e dinâmica social. Porto Alegre: Letra&Vida, 2015. 295 p.

UNRIC, Centro Regional de Informação das Nações Unidas. **Migrações Internacionais: Factos e Dados Estatísticos**. Disponível em: <<https://www.unric.org/pt/novedades-desenvolvimento-economico-e-social/2933>>. Acesso em: 26 maio 2019.

UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas. **População negra tem os piores indicadores sociais, alerta UNFPA no Dia pela Eliminação da Discriminação Racial**. 2017. Disponível em: <<https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/popula%C3%A7%C3%A3o-negra-tem-os-piores-indicadores-sociais-alerta-unfpa-no-dia-pela-elimin%C3%A7%C3%A3o-da>>. Acesso em: 14 out. 2019.

b. VÍDEOS

CHIMAMANDA Ngozi Adichie. O perigo de uma única história. Produção de Technology, Entertainment And Design (ted). Realização de Chimamanda Ngozi Adichie. 2009. (1115 min.), son., color. Legendado. Tradução de Erika Rodrigues.

c. ENTREVISTAS

Binetou Gueye, Caxias do Sul-RS, 03 maio 2018.

Fatou Diallo, Caxias do Sul-RS, 09 setembro 2019.

Fatou Sokhna. Caxias do Sul-RS, 27 agosto 2019.

Mariama Babji. Caxias do Sul-RS, 01 outubro 2019.